



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

*Indução de Contaminação Mental em estudantes
universitários vítimas de Infidelidade*

Soraia Isabel da Silva Pires

Dissertação de Mestrado para Obtenção de grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho elaborado sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros

2015



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

*Indução de Contaminação Mental em estudantes
universitários vítimas de Infidelidade*

Soraia Isabel da Silva Pires

Dissertação de Mestrado para Obtenção de grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho elaborado sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros

2015

Indução de Contaminação Mental em estudantes universitários vítimas de Infidelidade

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

(Soraia Pires)

Copyright © Soraia Isabel da Silva Pires

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, ou qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja alvo de dado ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação de mestrado só foi possível com a colaboração e disponibilidade de diversas pessoas que contribuíram para tal fosse possível. Desta forma quero agradecer:

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Prof.^a Doutora Antonia Ros, por me ter aceite como sua orientada. Pelas suas constantes palavras motivantes, seu apoio, orientação, compreensão e disponibilidade ao longo deste projeto, mas também pela amizade, confiança, e simpatia demonstrada em todos os momentos.

A todos os outros professores pela troca de conhecimento, sentido crítico e trabalho em equipa ao longo destes anos e neste projeto.

Aos participantes do estudo, que se disponibilizaram a participar numa atividade experimental demorada e exaustiva. Sem eles não teria sido possível!

À minha colega e amiga Cláudia Jacinto, pelo seu apoio e seu companheirismo nesta caminhada. A sua generosidade e espírito de ajuda fizeram com que este caminho se tornasse mais simples.

Ao meu sobrinho, Gustavo, pela sua alegria e sorriso constante na minha vida, onde encontro motivação para continuar mais além!

Por último, mas não menos importantes, à minha família, especialmente aos meus pais por todo o apoio, paciência e esforços demonstrados ao longo de todo o meu percurso académico, que fez com que esta etapa se torna-se agradável e exequível.

A todos, o meu sincero obrigado!

RESUMO

Os resultados de algumas investigações mostram que as vítimas de acontecimentos traumáticos, como é o caso da traição, podem desenvolver sensações de contaminação mental que podem estar na origem alguns tipos de Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC). A presente investigação teve como objetivo a indução experimental da sensação de contaminação mental através da recordação de uma situação em que o participante foi vítima de uma traição de tipo infidelidade.

Participaram no estudo 40 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: um questionário de dados sociodemográficos, a Escala de Afetos Positivos e Negativos, o Inventário de Obsessões e Compulsões de Vancouver, a Escala de Sensibilidade à Contaminação e a Escala de Desejabilidade Social. Os sujeitos foram aleatoriamente atribuídos a duas condições experimentais. Foi solicitado aos participantes da condição experimental que recordassem e descrevessem uma situação onde se tivessem sentido traídos e aos participantes do grupo de controlo que descrevessem uma situação neutra. Após a tarefa, foi realizada uma pausa de 5 minutos e seguidamente responderam a uma entrevista final acerca das emoções experimentadas e os seus comportamentos durante a pausa.

Os resultados mostraram que os indivíduos da condição experimental tiveram significativamente mais sentimentos de sujidade e nojo em relação ao perpetrador da traição e um maior afeto negativo após a manipulação experimental do que os participantes da condição de controlo. No entanto, apenas um número reduzido de participantes recorreu a comportamentos de lavagem e de neutralização.

Os resultados encontrados permitem concluir que a recordação de uma história de traição idiossincrática de tipo infidelidade produz sensações e comportamentos de contaminação mental.

Palavras-Chave: Contaminação mental, traição, vítimas, infidelidade, sujidade, comportamentos de lavagem.

ABSTRACT

The results of some research shows that victims of traumatic events, such as betrayal, may develop feeling of mental contamination that can cause some types of obsessive compulsive disorder (OCD). The present research aimed to do experimental induction of feeling of mental contamination through the remembrance of a situation in which the participant was the victim of a betrayal of infidelity type.

Forty college students participated in the study, aged between 18 and 57 years. Participants respond to the following instruments: a socio-demographic data survey, the Scale of Positive and negative affects, the inventory of obsessions and compulsions of Vancouver, the range of sensitivity to contamination and scale of social desirability. The subjects were randomly assigned for two different experimental conditions. Then was asked to the participants on experimental condition to remember and describe a situation where they felt betrayed and to the control group participants to describe a neutral situation.

After the task, a pause of 5 minutes was taken and then they responded to a final interview about the emotions experienced and their behaviors during that pause.

The results showed that individuals of the experimental condition had significantly more feelings of dirtiness and disgust against the perpetrator of betrayal and a greater negative affect after experimental handling than participants in the control condition. However, only a limited number of participants resorted to washing behaviors and neutralization.

The results allow to conclude that the remembrance of a story of idiosyncratic betrayal, infidelity type produces sensations and mental contamination behaviors.

Keywords: Mental contamination, betrayal, victims, infidelity, dirty, washing behaviors.

ÍNDICE

1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
2 - OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO	15
3 – METODOLOGIA.....	16
3.1 Participantes	16
3.2. Instrumentos.....	18
3.3 Procedimento de Recolha de Dados	21
3.4 Procedimento de Análise de Dados	24
4 – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	25
4.1 Análise da comparação entre grupos nas variáveis psicológicas e psicopatológicas	25
4.2 Análise das variáveis de controlo de manipulação experimental	26
4.3 Verificação da manipulação experimental.....	26
4.3.1 Análise das sensações de contaminação mental	26
4.3.2 Análise das emoções e afetos positivos e negativos	27
4.3.3 Análise do sentimento de Nojo	30
4.3.4 Análise dos comportamentos de lavagem e estratégias de neutralização	31
5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES	41
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	46

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Afetos Positivos no pré e pós momento da manipulação experimental no GE e GC (Resultados da análise de variância).	29
Figura 2: Afetos Negativos no pré e pós momento da manipulação experimental no GE e GC (Resultados da análise de variância).	30

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Representação gráfica do procedimento de recolha de dados.	21
Tabela 2: Localização da sujidade no corpo (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)	27
Tabela 3: Descrição do tipo de mal-estar experienciado pelos participantes (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)	28
Tabela 4: Comportamentos para reduzir o mal-estar (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado).....	32
Tabela 5: Comportamento de beber água durante a pausa (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado).....	32
Tabela 6: Motivo para terem bebido água (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)	33
Tabela 7: Necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do corpo (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)	33

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A. Questionário de Dados Sociodemográficos

ANEXO B. Escala de Afetos Positivos e Negativos (PANAS)

ANEXO C. Inventário de Obsessões e Compulsões de Vancouver (VOCI)

ANEXO D. Escala de Sensibilidade à Contaminação (S-CTN)

ANEXO E. Escala de Desejabilidade Social de Marlow-Crower (MC-SDS)

ANEXO F. Entrevista Estruturada do Grupo Experimental

ANEXO G. Entrevista Estruturada do Grupo de Controlo

ANEXO H. Consentimento Informado do Grupo Experimental

ANEXO I. Consentimento Informado do Grupo de Controlo

ANEXO J. Classificação dos diferentes tipos de Narrativas

ÍNDICE DE SIGLAS

POC - Perturbação Obsessivo-Compulsiva

DSM-IV-TR - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais

PTSD - Perturbação Stress Pós-Traumático

CM – Consensual moral

CI – Consensual imoral

NCM – Não-consensual moral

NCI – Não-consensual imoral

CFL – Consensual fisicamente limpo

CFS – Consensual fisicamente sujo

NCFL – Não-consensual fisicamente limpo

NCDS – Não-consensual fisicamente sujo

M - Média

DP - Desvio-padrão

N - Número de sujeitos

PANAS – *Scale of Positive and Negative Affect*

VOCI - *Inventory of Obsessions and Compulsions of Vancouver*

S-CTN - *Sensitivity Scale to Contamination*

MC-SDS – *Social Desirability Scale*

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

GE - Grupo Experimental

GC - Grupo Controlo

1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC) é uma das perturbações mentais mais frequentes, tendo uma prevalência de 2,5% ao longo da vida. Esta é considerada uma das doenças mais incapacitantes dentro do espectro das Perturbações de Ansiedade e geralmente surge no final adolescência e início da idade adulta (DSM-IV-TR, 2011; Rosso, Albert, Asinari, Bogetto & Maina, 2012).

A Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC) caracteriza-se pela presença de obsessões e compulsões (Abramowitz, Taylor & McKay, 2009; DSM-IV-TR, 2011).

As obsessões definem-se por *“pensamentos, impulsos ou imagens recorrentes e persistentes que são experimentados como intrusivos e inadequados e que causam elevada ansiedade ou desconforto. O indivíduo reconhece que esses pensamentos, impulsos ou imagens são provocados pela sua mente e tenta ignorar ou suprimir tais pensamentos, ou neutralizá-los”* (DSM-IV-TR, 2011, p. 457).

Os conteúdos das obsessões podem ser obscenos, sem sentido, apresentam-se como uma dúvida recorrente e estão relacionados com a contaminação e a sujidade, as doenças, as infeções, a morte, a violência, a agressão, o dano e o perigo, religião e aspetos morais e sexuais (Abramowitz, et al., 2009; DSM-IV-TR, 2011).

Enquanto, as compulsões definem-se por *“comportamentos repetitivos (ex.: lavar as mãos, organizar, verificar) ou atos mentais (ex.: rezar, contar, repetir palavras em silêncio) que o indivíduo sente-se compelido a realizar em resposta a uma obsessão, mas que são considerados pelo próprio como excessivos ou exagerados”* (DSM-IV-TR, 2011, p. 457). De modo a contrariar as obsessões, os indivíduos podem desenvolver diversos tipos de compulsões, tais como a lavagem, a ordem, a verificação e simetria, comportamentos de neutralização e evitamento de situações que possam instigar o desenvolvimento das obsessões (McKay, et al., 2004).

As neutralizações são comportamentos de evitação realizados pelos indivíduos para neutralizar os sentimentos desconfortáveis, sendo a maior parte das neutralizações não observáveis e essa inacessibilidade dificulta o tratamento (Rachman, 1998).

Estas diferenciam-se das compulsões, pois são deliberadamente escolhidas pelo sujeito e utilizadas de forma seletiva para lidar com algumas obsessões concretas, em determinadas circunstâncias (Rachman, 1998). Ambos os comportamentos são

realizados com o objetivo de prevenir e/ou reduzir o desconforto associado às obsessões e contribuem para a sua manutenção (Coughtrey, Shafran, Knibbs & Rachman, 2012).

A Perturbação Obsessiva-Compulsiva apresenta um carácter heterogéneo, uma vez que existem diferentes tipos de obsessões e compulsões (McKay, et al., 2004). Existem cinco dimensões principais que englobam as obsessões e compulsões, sendo estas, as obsessões de simetria e ordenação, de verificação, de contaminação e lavagem, obsessões relacionadas com a acumulação de objetos e relacionadas com sexo, violência e religião (Abramowitz, et al., 2009).

Existem diversos modelos explicativos para a Perturbação Obsessiva-Compulsiva, sendo mais comumente utilizado, a Teoria Cognitiva das Obsessões de Rachman (1997). De acordo com o autor, as obsessões são causadas por interpretações erróneas e catastróficas do significado dos pensamentos intrusivos, imagens ou impulsos, sendo que as obsessões persistiram enquanto permaneçam as interpretações erradas dos acontecimentos e diminuam quando estas desaparecerem. A interpretação catastrófica das obsessões aumenta a frequência e a gravidade dos estímulos, promovendo a persistência das obsessões. Com o objetivo de eliminar as obsessões, a maior parte dos indivíduos desenvolve comportamentos compulsivos e/ou de neutralização. No entanto, estes comportamentos são desadaptativos, pois levam o indivíduo a acreditar que foram os responsáveis pelo desaparecimento da obsessão e reforçam a sua repetição (Rachman, 1997).

As obsessões mais frequentes são as obsessões de contaminação, que podem estar associadas a “germes” e à sujidade ou a “contaminantes”, como fluídos ou excreções corporais do organismo. É comum nos indivíduos com obsessões de contaminação o desenvolvimento de rituais compulsivos de lavagem e comportamentos de evitamento (Elliot & Radomsky, 2009).

De acordo com Herba e Rachman (2007), o desenvolvimento das obsessões e compulsões de lavagem é impulsionado pelo medo da contaminação, que também se apresenta como uma das características mais marcantes da Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC).

À semelhança de outros medos humanos, o medo da contaminação começa por ser leve e circunscrito e culmina num medo intenso e anormal. O medo da contaminação define-se como complexo, poderoso, universal, intenso, de difícil controlo, extremamente persistente, variável em conteúdo e presente em todas as sociedades (Rachman, 2004).

Segundo Rachman (2004), entende-se por contaminação, um sentimento intenso e persistente de estar contaminado ou infetado em consequência do contacto direto ou indireto com uma pessoa, local, ou objeto percebido como sujo, impuro, infeccioso ou prejudicial. O sentimento de contaminação normalmente surge acompanhado por emoções negativas, como o medo, o nojo, a sujidade, impureza moral, uma vez que é acompanhado por uma sensação de sujidade faz com que os indivíduos desenvolvam inúmeros comportamentos de lavagem para remoção da mesma (Rachman, 2004).

Rachman (2004; 2006) propôs a existência de dois tipos de contaminação subjacentes ao medo da contaminação, a contaminação física e a contaminação mental.

A contaminação física é um tipo de contaminação que surge através do contacto físico com um objeto contaminado (ex.: pessoas, substâncias ou objetos visivelmente sujos), resultando numa sensação de sujidade física, que pode ser removida através lavagem (Rachman, 2004; 2006; Elliot & Radomsky, 2009). A contaminação mental caracteriza-se por uma sensação de sujidade interna, que pode surgir sem existir necessariamente contacto físico com um objeto contaminado, persiste na ausência da sujidade observável, não é sensível à lavagem externa e pode ser desencadeada por eventos mentais, como memórias, imagens e/ou pensamentos (Fairbrother & Rachman, 2004; Volz & Heyman, 2007). Os indivíduos têm dificuldade em localizar este tipo de contaminação, devido à sua natureza não-física e carácter difuso, ao contrário da contaminação física em que as pessoas são capazes de localizar o local e a origem da sujidade no seu corpo (Herba & Rachman, 2007).

Além dos sentimentos de sujidade, a contaminação mental é acompanhada por emoções negativas como, a angústia, ansiedade, repulsa, nojo, vergonha, culpa e ansiedade (Fairbrother, Newth & Rachman, 2005).

O nojo e a moralidade são dois conceitos que estão intimamente relacionados com a contaminação mental (Fairbrother & Rachman, 2004). De acordo com Woody e Tolin (2002), o nojo desempenha um papel importante nas obsessões relacionadas com a contaminação e nas compulsões de lavagem na Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC), contribuindo para a manutenção das obsessões e compulsões.

O nojo é uma emoção básica que atua como um sistema de proteção dos organismos perante o contacto com estímulos nocivos ou contaminados (Olatunji & Sawchuk, 2005), sendo acompanhado por uma expressão facial característica, uma reação fisiológica (náuseas) e um sentimento (repulsa) (Rozin, Haidt & McCauley, 1993). O sentimento de nojo é uma das respostas mais comuns entre os indivíduos que

experienciam eventos traumáticos, como agressões sexuais, violações morais, traição e no contacto com indivíduos percebidos como impuros (Rachman, 2004; 2006; Fairbrother & Rachman, 2004).

A contaminação mental também envolve uma qualidade moral que não é associada à contaminação física (Fairbrother & Rachman, 2004), uma vez que as situações percebidas pelo indivíduo como imorais, erradas ou inapropriadas, assim como também os pensamentos, imagens ou impulsos incompatíveis com o sistema de crença moral do indivíduo podem levar ao desenvolvimento da contaminação mental (Rachman, 2006). Assim, a moralidade é uma característica marcante da contaminação mental, pois os sentimentos de responsabilidade ou vergonha sentidos por um indivíduo ao estar envolvido numa situação considerada imoral podem desencadear sentimentos de sujidade e comportamentos de lavagem (Fairbrother, et al., 2005; Rachman, 2006; Herba & Rachman, 2007; Elliot e Radomsky, 2009).

Existe um crescente e alargado suporte empírico acerca da contaminação mental, devido ao seu interesse e contributo para a Perturbação Obsessiva-Compulsiva (Rachman, 1994, 2004, 2006), uma vez que os comportamentos de lavagem são a resposta ao medo da contaminação presente na POC, no entanto também se tem verificado a existência de contaminação mental em indivíduos com Perturbação Stress Pós-Traumático (PSPT) (De Silva & Marks, 1999).

Existem também relatos de mulheres que sofreram agressões sexuais, que experienciaram sentimentos de contaminação mental e lavagem compulsiva após a agressão traumática (De Silva & Marks, 1999). Neste sentido, Fairbrother e Rachman (2004) desenvolveram um dos estudos pioneiros nesta área, com o objetivo de induzir sentimentos de contaminação mental sem contacto físico após uma agressão sexual. Participaram neste estudo 50 mulheres, com idades compreendidas entre os 16 e os 49 anos e solicitou-se às participantes que numa primeira etapa recordassem uma situação agradável e posteriormente uma parte angustiante da agressão sexual, por 20 segundos e em seguida, tinham de classificar em que medida tinham experienciado sensações de ansiedade, angústia, sujidade interna e vontade para se lavarem. Foi realizada uma pausa de 5 minutos após a recordação e foram dadas orientações às participantes para utilizarem a casa de banho caso necessitassem.

Os resultados encontrados pelos autores (Fairbrother & Rachman, 2004) mostraram que a maioria das mulheres que foram vítimas de agressões sexuais tiveram sentimentos de contaminação mental, uma vez que 68% das participantes preencheu

pelo menos um dos critérios estabelecidos para a contaminação relacionados com sentimentos de sujidade interna e 70% sentiram vontade de se lavar após a agressão, sendo que em cerca de 95% das participantes o impulso surgiu nas 24 horas após o acontecimento e 25% das mulheres mantiveram comportamentos de lavagem durante 1 a 3 meses depois da agressão.

Após a recordação da agressão sexual em contexto experimental, 9 mulheres em 43 desenvolveram comportamentos de lavagem durante a pausa para reduzir os sentimentos associados à recordação, tendo-se verificado que as mulheres que tiveram comportamentos de lavagem tiveram maiores níveis de contaminação mental (Fairbrother & Rachman, 2004). Como previsto pelos autores, a recordação deliberada da situação de agressão sexual resultou em maiores sentimentos de contaminação mental do que a recordação de uma situação agradável. Desta forma, os resultados suportam a ideia inicial de que as vítimas de agressões sexuais experienciam com frequência sentimentos de contaminação mental e desenvolvem comportamentos de lavagem, podendo estes serem desencadeados sem existir contacto físico com o perpetrador da agressão, pelo que considera-se que a agressão sexual tem potencial suficiente para provocar sentimentos de sujidade e desejo de lavagem que persistem, embora não exista quaisquer traços físicos do acontecimento (Fairbrother & Rachman, 2004).

No estudo de Fairbrother e Rachman (2004) apenas participaram mulheres que tivessem vivenciado agressões sexuais e por isso, foram histórias idiossincráticas onde existiu contacto físico entre as vítimas e os perpetradores. Contudo, de acordo com Rachman (2004) a contaminação mental também pode ser desenvolvida sem existir contacto físico com um objeto contaminado e através da recordação ou de situações imaginadas pelos indivíduos.

Neste sentido, Fairbrother e colaboradores (2005) realizaram um estudo conhecido como o paradigma do “*Dirty Kiss*” (“beijo sujo”), que teve como o objetivo determinar se existem sentimentos de contaminação mental sem contato físico com o objeto poluído. Participaram neste estudo 121 estudantes universitárias, com idades compreendidas entre os 15 e os 38 anos. Foi solicitado às participantes que imaginassem as situações descritas nas gravações de áudio da forma mais real que conseguissem e as suas reações foram registadas através da entrevista, questionários e relatórios de comportamento.

Em primeiro lugar, todas as participantes ouviram a gravação que descrevia um beijo consensual entre a participante e um homem num ambiente agradável e romântico numa festa pelo qual se sentia atraída e em segundo lugar, eram escolhidas aleatoriamente para ouvir novamente a gravação consensual ou uma das três versões não-consensuais. A primeira versão da condição não-consensual descrevia um beijo forçado à participante, a segunda versão denominada por “condição de contaminação” descrevia um beijo com um homem descrito como “sujo e fedorento” e na terceira versão denominada por “condição de derrota” descrevia um beijo forçado à participante, no qual esta sente-se imobilizada, impotente e incapaz de fugir (Fairbrother, et al., 2005).

Após a audição das gravações foi realizada uma pausa de 3-4 minutos e foi oferecida água aos participantes para beber e dadas instruções para utilizarem a casa de banho, caso fosse necessário. Os participantes foram questionados acerca dos seus comportamentos durante a pausa (ex.: impulsos de lavagem e comportamentos de neutralização e lavagem) (Fairbrother, et al., 2005).

Os resultados mostraram que as participantes na condição não-consensual sentiram-se mais sujas e imundas, tanto exteriormente como internamente, assim como também relataram sentirem-se mais chateadas, ansiosas, tristes e com raiva que as participantes na condição consensual. As participantes da condição não-consensual revelaram ainda ter maiores sentimentos de vergonha, desprezo e imoralidade, e maior impulso para envolverem-se em comportamentos de lavagem comparativamente com o grupo consensual. Quanto aos comportamentos de lavagem, sete participantes beberam água e dois lavaram as mãos para neutralizar sentimentos de contaminação mental que foram desencadeados pela manipulação experimental (Fairbrother, et al., 2005).

Desta forma, pode-se concluir que os resultados são consistentes com o estudo de Fairbrother e Rachman (2004) e que os sentimentos de contaminação mental podem ser induzidos sem existir contacto físico, sendo associados a emoções negativas hipotéticas (ex.: vergonha e angústia) e a comportamentos de lavagem (Fairbrother, et al., 2005), como postulado por Rachman (2004).

Mais tarde, os autores Herba e Rachman (2007) realizaram uma replicação da manipulação experimental realizada por Fairbrother e colaboradores (2005), com o objetivo de aprofundar quais as diferenças individuais associadas à contaminação mental.

Os resultados mostraram que as participantes da condição não-consensual relataram maiores sentimentos de sujidade, desejo para envolver-se em comportamentos de lavagem e emoções negativas que as participantes do grupo consensual, sendo que 27 mulheres da condição não-consensual desenvolveram comportamentos de lavagem para eliminar sentimentos de sujidade. Algumas participantes do estudo que tinham uma história anterior de experiência sexual indesejada foram mais propensas a desenvolver comportamentos de lavagem (Herba & Rachman, 2007).

Entre as variáveis incluídas neste estudo para identificar preditores de contaminação mental, verificou-se que o medo da contaminação e a sensibilidade ao nojo e à ansiedade são fatores significativos, pois estão fortemente relacionados com os sentimentos de sujidade (Herba & Rachman, 2007).

O medo da avaliação negativa também assume um papel relevante na contaminação mental, uma vez que leva os indivíduos a desenvolver comportamentos de lavagem, pois estes acreditam que os outros conseguem sentir quando estão contaminados, levando-os a desenvolver mais rituais de lavagem (Herba & Rachman, 2007). Pelo contrário, também o facto de algumas participantes que se sentiram contaminadas mas não terem respondido a esse estímulo, pode estar segundo os autores (Herba & Rachman, 2007) relacionado com o medo da avaliação negativa das outras pessoas.

Nos estudos anteriores (Fairbrother, et al., 2005; Herba & Rachman, 2007) foram manipuladas em conjunto duas variáveis importantes para a contaminação mental, como o nojo e a moralidade. Contudo, outros autores Elliot & Radomsky (2009) procuraram examinar se a imoralidade de um ato seria suficiente para provocar sentimentos de contaminação mental sem existir a descrição negativa do aspeto físico do sujeito. Neste estudo participaram 148 estudantes universitárias, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 17 e os 48 anos. Estas foram distribuídas aleatoriamente para cada uma das quatro condições: condição consensual moral (CM), condição consensual imoral (CI), condição não-consensual moral (NCM) e condição não-consensual imoral (NCI). As gravações de áudio utilizadas foram adaptadas das gravações desenvolvidas por Fairbrother e colaboradores (2005).

As participantes das condições consensuais tinham de imaginar um beijo consensual com um homem fisicamente atraente e nas condições não-consensuais tinham que imaginar um beijo com um homem fisicamente atraente, mas o beijo não era desejado. As mulheres da condição moral receberam informações adicionais sobre o

carácter moral do homem (ex.: boa pessoa e muito prestativo) e na condição imoral, as participantes receberam instruções acerca do carácter imoral do homem (ex.: adepto de mentiras, fraudes e roubos). Após a audição da gravação realizou-se uma pausa de 5 minutos e foram dadas indicações às participantes de que poderiam beber água e/ou ir à casa de banho (Elliot & Radomsky, 2009).

Os resultados sugerem que receber um beijo consensual é sempre mais desejado, independentemente do carácter moral ou imoral do homem do que receber um beijo não-consensual (Elliot & Radomsky, 2009).

As participantes das condições não-consensuais sentiram mais sujas internamente, tiveram maiores impulsos de lavagem e experienciaram emoções negativas externas em maior percentagem que as participantes das condições consensuais, pelo que não existiram diferenças significativas entre as participantes da condição NCM e NCI, embora as participantes da condição não-consensual imoral (NCI) tivessem tido maiores sentimentos de contaminação mental. Por outro lado, também as participantes da condição CI relataram maiores sentimentos de sujidade que as participantes da condição CM. Desta forma, concluiu-se que a imaginação de um beijo não-consensual é suficiente para evocar sentimentos de contaminação mental, independentemente da informação recebida acerca do carácter do homem, moral ou imoral. Contudo, um beijo consensual também pode provocar sentimentos de contaminação mental, mas é mais frequente quando existe informação acerca do carácter imoral do homem (Elliot & Radomsky, 2009).

Os resultados deste estudo são altamente consistentes com os resultados de estudos anteriores (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005; Herba & Rachman, 2007), no entanto, ao contrário dos resultados obtidos por Herba e Rachman (2007) neste estudo apenas um número reduzido de mulheres desenvolveram comportamentos de lavagem para eliminar as sensações físicas provocadas pela gravação (Elliot & Radomsky, 2009). É importante salientar que no estudo de Herba e Rachman (2007) foi incluída a variável “nojo”, pelo que leva os autores a considerar que quando é removida a descrição física do sujeito, o número de mulheres que desenvolvem comportamentos de lavagem diminui (Elliot & Radomsky, 2009).

Mais tarde, os mesmos autores (Elliot & Radomsky, 2012) realizaram uma replicação do estudo anterior (Elliot & Radomsky, 2009), com o objetivo de aprofundar quais as variáveis situacionais suficientes e necessárias para desenvolver sentimentos de contaminação mental. Participaram 140 estudantes do sexo feminino, com idades

compreendidas entre os 18 e os 55 anos. Cada participante foi aleatoriamente escolhida para integrar a condição consensual ou a condição não-consensual e receberam informações sobre a descrição física do homem (limpo ou sujo), que estas deveriam imaginar que estava a beijá-las (Elliot & Radomsky, 2012).

Este estudo incluiu simultaneamente as duas variáveis, a descrição física e moralidade, sendo composto por quatro condições: (1) beijo consensual com um homem descrito como fisicamente limpo (CFL), (2) beijo consensual com um homem fisicamente sujo (CFS), (3) beijo não-consensual com um homem descrito como fisicamente limpo (NCFL) e (4) beijo não-consensual com um homem fisicamente sujo (NCFS) (Elliott & Radomsky, 2012).

De acordo com os resultados, as mulheres na condição beijo não-consensual fisicamente sujo (NCFS) relataram ter tido maiores sentimentos de contaminação mental que as mulheres na condição de beijo consensual com um homem fisicamente limpo (CFL) (Elliott & Radomsky, 2012).

Existiram maiores sentimentos de sujidade na condição não-consensual com um homem fisicamente sujo comparativamente com as restantes condições, sendo que não existiram diferenças significativas nos sentimentos de sujidade entre a condição consensual fisicamente limpo (CFL) e a condição consensual fisicamente sujo (CFS) (Elliott & Radomsky, 2012).

As participantes de ambas condições não-consensuais (NCFS, NCFL) desenvolveram comportamentos de lavagem (8,6%) após a manipulação experimental comparativamente com as participantes das condições consensuais. No entanto, após os autores analisarem diversas variáveis incluídas no estudo, verificaram também que um fator preditor de maiores lavagens era a capacidade das participantes imaginarem a situação com um maior grau de realidade, ou seja, estes consideram que a frequência das lavagens pode ser explicada pela capacidade de imaginação das participantes (Elliott & Radomsky, 2012).

Estes resultados são consistentes com os resultados de estudos anteriores (Rachman, 2004; Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother et al., 2005; Elliot & Radomsky, 2009), em que a imaginação de um beijo não-consensual resultou na presença de sentimentos de contaminação mental. Por outro lado, os resultados deste estudo são inconsistentes com os resultados obtidos no estudo realizado por Herba & Rachman (2007), em que 27% das mulheres que imaginaram um beijo não-consensual com um homem fisicamente sujo desenvolveram comportamentos de lavagem.

Este estudo permitiu ainda, concluir que os sentimentos de contaminação mental não surgem apenas através de uma fonte humana imoral, mas podem também surgir a partir da imaginação de um estímulo fisicamente sujo (Elliott & Rachman, 2012).

O estudo do fenómeno da contaminação mental é relativamente recente, contudo, o suporte empírico existente nesta temática tem-se focado sobretudo no estudo das vítimas de situações não-consensuais (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005; Herba & Rachman, 2007; Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012).

Assim, os autores Rachman, Radomsky, Elliott e Zysk (2012), procuraram aprofundar o outro ponto de vista, os perpetradores, com o objetivo de perceber se os autores das ações não-consensuais também desenvolviam sentimentos de contaminação mental através da imaginação de um ato que viola as normas morais, de forma semelhante às vítimas.

Foi utilizada uma versão alterada do paradigma original do “*Dirty Kiss*”, onde foi introduzido o elemento “Traição”, de modo a determinar se uma traição poderia incitar o desenvolvimento de sentimentos de contaminação mental e comportamentos de lavagem, pois segundo Rachman e colaboradores (2012), a contaminação mental tem sempre uma origem humana e pode ser provocada por violações, traições, agressões de origem emocional e humilhações.

Os participantes foram aleatoriamente distribuídos por duas condições. O estudo foi composto por quatro experiências. Na primeira experiência, foi solicitado aos participantes que imaginassem uma de duas situações com recurso a gravação de áudio, em que a voz da gravação era feminina e descrevia um homem num ambiente de festa, na qual conhecia uma jovem atraente e davam um beijo mutuamente agradável e aceite (beijo consensual), ou deveriam imaginar que estavam a beijar uma rapariga contra a sua vontade e as reações sociais que surgem na sequência da sua atitude (beijo não-consensual) (Rachman, et al., 2012).

Na segunda experiência, a voz da gravação era masculina e caracterizava uma situação de um beijo não-consensual e um amigo critica o seu comportamento, contando para todos o ato não-consensual realizado pelo participante, o que despoleta depreciações negativas quanto ao seu comportamento (Rachman, et al., 2012).

Na terceira e quarta experiência foi introduzida um novo elemento no estudo, a traição, de modo a verificar se esta impulsionaria maiores sentimentos de sujidade, contaminação mental e consequentes impulsos de lavagem (Rachman, et al., 2012).

A gravação de áudio nas últimas duas experiências é realizada por uma voz masculina e descreve uma situação em que o participante dá um beijo a uma rapariga que é a irmã do seu melhor amigo, de quem este é muito protetor. No entanto, na condição experimental quando o amigo confronta-o, o participante desmente que não foi ele que forçou o beijo, mas sim a irmã do seu amigo e este demonstra o seu descontentamento por o seu amigo ter dado um beijo não consentido à sua irmã (Rachman, et al., 2012).

Os resultados das quatro experiências realizadas mostram que pensamentos inaceitáveis e repudiáveis sobre a própria pessoa podem originar sentimentos de sujidade e impulsos de lavagem. Como esperado, a introdução da variável traição, originou maiores sentimentos de sujidade e impulsos de lavagem. Na condição não-consensual foram verificados maiores níveis de emoções negativas, como a ansiedade, desgosto, vergonha, raiva, culpa e tristeza, sendo que os maiores níveis foram alcançados quando introduzidos os elementos de traição (Rachman, et al., 2012).

Desta forma, concluiu-se que a introdução da variável traição aumenta o efeito da contaminação (Rachman, et al., 2012). Estes resultados suportam a ideia defendida por Rachman (2010) na sua recente análise sobre traição, na qual o autor defende que experienciar uma situação de traição pode conduzir a elevados sentimentos de sujidade e contaminação mental e conseqüentemente à perturbação clínica.

Esta ideia também é suportada por outros autores que defendem que as vítimas de acontecimentos traumáticos (Cromer, Schmidt & Murphy, 2007), como, é o caso da traição, podem desenvolver sintomas característicos da Perturbação Obsessivo-Compulsiva (POC), como sentimentos de contaminação mental (Coughtrey, et al., 2012; Cromer et al., 2007; Rachman, 2010) e compulsões de lavagem (Cromer et al., 2007; Rachman, 2010) mesmo passado meses ou anos após o acontecimento.

Segundo Rachman (2010), não parece existir nenhuma conexão óbvia entre ser traído e em seguida, desenvolver comportamentos compulsivos, nomeadamente comportamentos de lavagem. Todavia, os estudos existentes na literatura demonstram que vítimas de agressões sexuais (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005) ou vítimas de atos imorais (Herba & Rachman, 2007; Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012) experienciaram sentimentos de contaminação mental e comportamentos compulsivos de lavagem após o acontecimento.

A traição é um fenómeno psicológico significativo que devido ao seu carácter inesperado e chocante pode ter um efeito catastrófico sobre a vítima (Rachman, 2010).

Segundo Rachman (2010), a traição é uma sensação de ser prejudicado através de ações intencionais, ou omissões, por uma pessoa que foi considerada como confiável, amigo/a, leal, colega e companheiro/a. A traição é um fenómeno que acontece com alguma regularidade, contudo é vivenciado por muitos indivíduos como um choque, pois surge sempre de uma pessoa próxima ao indivíduo.

Quando acontece uma traição, existe uma quebra no vínculo de confiança que normalmente é irreversível, sendo que o vínculo será substituído por uma barreira permanente, salvo exceções quando a vítima da traição adquire novas informações que irão invalidar a sua interpretação do acontecimento, ou quando uma reinterpretação emerge durante uma terapia (Rachman, 2010).

De acordo com Rachman (2010), existem vários tipos de traição, pelo que o autor sugere cinco tipos de traição mais comuns, sendo estes: (1) divulgação de informações confidenciais, (2) deslealdade, (3) infidelidade, (4) desonestidade e (5) falha na assistência. Diferentes tipos de traição podem coexistir numa mesma situação, por exemplo numa situação de infidelidade poderá também existir deslealdade e/ou desonestidade.

A infidelidade é dos tipos de traição com elevadas taxas amplamente conhecidas na população, sendo uma das razões mais citadas em caso de divórcio, apresentado uma taxa de prevalência que varia entre 26% a 75% (Shackelford, Buss & Benett, 2002).

Não existe um consenso entre os autores quanto à definição de infidelidade. Enquanto alguns autores definem a infidelidade exclusivamente como uma relação extraconjugal (Zola, 2007), atualmente é comum incluir na definição de infidelidade atos de traição como, relações sexuais virtuais, intimidade emocional sem contacto físico, uso secreto de pornografia, traição financeira, para além de uma relação sexual física com outro indivíduo (Shackelford, LeBlanc & Drass, 2000; Zola, 2007). Assim, a definição mais adequada para a infidelidade é um ato de traição emocional e/ou físico caracterizada por um comportamento que não é aprovado pelo companheiro e que provoca angústia emocional permanente na vítima da traição (Zola, 2007).

A gravidade de uma traição é determinada em função do significado que cada indivíduo atribui ao ato de trair, do grau de confiança existente entre os indivíduos e da magnitude das consequências provocadas à vítima, sendo que os efeitos de uma traição também dependem da natureza da mesma. Estes geralmente são de longa duração,

permanentes e facilmente recordados, espontaneamente ou por estímulos associados ao acontecimento (Rachman, 2010).

Embora, existam algumas emoções negativas comuns às cinco categorias de traição e que podem ser generalizadas, alguns tipos de traição caracterizam-se por emoções negativas específicas. Por exemplo, a divulgação de informações confidenciais e a desonestidade provocam *distress*, raiva e pensamentos punitivos; a infidelidade origina choque, sentimentos de perda, pensamentos ruminativos, baixa auto-estima e raiva; e a falha na assistência manifesta-se através de emoções como a raiva, *distress*, pensamentos ruminativos e descrença para com as pessoas (Rachman, 2010).

As reações a uma situação de traição catastrófica, como o embotamento emocional, angústia, raiva, recordações involuntárias, imagens intrusivas e ruminação de pensamentos, assim como a preocupação mórbida com a quebra de confiança e a visão limitada acerca do futuro, também se enquadram na Perturbação Stress Pós-Traumático. Assim, os autores com base na literatura existente nesta temática verificaram que a traição além de desenvolver sentimentos de contaminação mental pode também originar sintomatologia comum da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) (Ehlers, Clark, Hackman, McManus & Fennell, 2005). Outros autores (Cromer et al., 2007), também referem que quando os episódios de traição são interpretados como eventos catastróficos podem constituir um trauma, pelo que podem alterar a vida de um indivíduo significativamente (Rachman, 2010).

Neste sentido, a literatura existente (De Silva & Marks, 1999; Gershuny, Baer, Radomsky, Wilson & Jenike, 2003), sugere que os acontecimentos traumáticos podem originar sintomas da Perturbação Obsessiva-Compulsiva, como sentimentos de contaminação e sujidade mental e conseqüentemente compulsões de lavagem após ocorrer o trauma.

Esta ideia é suportada por Rachman (2010) que ao estudar o fenómeno da contaminação mental verificou que alguns pacientes com Perturbação Obsessiva-Compulsiva tinham desencadeado sentimentos de contaminação mental depois de uma situação em que tinham sido traídos.

Na sua revisão teórica, Rachman (2010) recorreu à ilustração de casos verídicos para demonstrar que o efeito de uma traição pode resultar em comportamentos de lavagem. O autor relata o caso de uma rapariga de 19 anos proveniente de uma família pobre da América do Sul, que foi pressionada pela sua família para casar com um homem mais velho rico, tendo desenvolvido inúmeros comportamentos de lavagem com

produtos nocivos para eliminar sentimentos de sujidade quando descobriu que a sua família tinha lucrado financeiramente com o seu casamento. Outra situação retratada é um caso de Infidelidade, em que o indivíduo descobriu que a sua noiva, traiu-o várias vezes com o ex-namorado, enquanto este estava numa viagem de negócios, tendo terminado o noivado e realizado uma limpeza rigorosa ao apartamento onde viviam e mesmo passado algum tempo, este continuava a ter diversos rituais de limpeza, como tomar banho a elevadas temperaturas, porém continuava a sentir-se sujo.

Estes relatos retratam situações em que os indivíduos experienciaram sentimentos de degradação, humilhação e de inutilidade (Rachman, 2010), pelo que sustentam a hipótese de Rachman (2004), de que contaminação mental surge geralmente associada a violações físicas, emocionais ou morais, a objetos impuro e sujos, à imoralidade, a lembranças desagradáveis, à traição e à humilhação (Volz & Heyman, 2007). Assim, desenvolver comportamentos de lavagem parece ser uma reação natural destes indivíduos como uma tentativa de eliminar os sentimentos emocionais desagradáveis e os pensamentos provocados pela traição, uma vez que a característica comum aos sentimentos desagradáveis é a sensação de sujidade e contaminação. A lavagem é impulsionada por sentimentos recorrentes e persistentes de sujidade interna que podem surgir involuntariamente sem contacto físico, depois de experienciarem pensamentos relacionados com a traição (Rachman, 2010).

De acordo com Rachman (2010) parece consensual que existe uma relação entre a traição relacionada com vítimas de agressões sexuais (Fairbrother & Rachman, 2004), e os sentimentos de contaminação e as lavagens compulsivas. Contudo, a maioria das investigações realizadas neste âmbito ocorreram em contexto laboratorial e as situações de traição descritas não foram idiossincráticas, mas imaginadas a partir de indicações disponibilizadas pelos investigadores. Desta forma, é pertinente continuar a explorar a influência das situações de traição idiossincráticas na propagação do fenómeno da contaminação mental e consequentes compulsões de lavagem (Rachman, 2010).

Em suma, as investigações em torno desta temática apresentam-se como uma mais-valia para os avanços clínicos, uma vez que a compreensão da influência de uma traição catastrófica pode melhorar também a compreensão do doente com Perturbação Obsessiva-Compulsiva, uma vez que os casos mais propensos a desenvolver comportamentos de lavagem são quando existem sentimentos significativos de contaminação mental (Rachman, 2010).

2 - OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

A presente investigação teve como objetivo principal a indução de sentimentos e comportamentos de contaminação mental num grupo de estudantes universitários através da recordação de uma história de infidelidade experienciada pelo próprio. Como objetivos específicos pretendemos verificar se é possível induzir sentimentos de contaminação mental, unicamente através da recordação das histórias idiossincráticas dos participantes, ainda que não haja contacto físico e verificar se após a recordação se produzem realmente mudanças significativas ao nível da sensação de contaminação mental, da sensação de sujidade interna e externa, da sensação de nojo e do desenvolvimento de comportamentos de lavagem.

Deste modo, o presente estudo propõe-se ao cumprimento de quatro objetivos. Em primeiro lugar, induzir a contaminação mental através da recordação de uma situação idiossincrática de infidelidade num grupo de estudantes universitários. Em segundo lugar, verificar a presença de características associadas à contaminação mental, tais como a localização da sensação de sujidade. Em terceiro lugar, verificar a presença de impulsos de lavagem ou de estratégias de neutralização, lavagem e evitamento. Por último, confirmar o surgimento de emoções/sentimentos negativos, nomeadamente o sentimento de nojo, após a imaginação da situação experimental.

Tendo em conta os objetivos propostos foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - A recordação de uma situação de infidelidade produzirá maiores níveis de contaminação mental no grupo experimental do que no grupo de controlo;

Hipótese 2 - A indução experimental de uma situação de infidelidade levará ao aparecimento de emoções/sentimentos negativos;

Hipótese 3 – A indução experimental originará sentimentos de nojo no grupo experimental;

Hipótese 4- A recordação originará mais impulsos de lavagens e estratégias de neutralização e evitamento no grupo experimental, do que no grupo de controlo.

3 – METODOLOGIA

3.1 Participantes

Na presente investigação foi utilizada uma amostra de estudantes do ensino superior da Universidade do Algarve. A amostra, por conveniência, foi constituída por 90 indivíduos, selecionados aleatoriamente para cada condição (experimental e controlo), de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa com idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos ($M = 23.01$; $DP = 5.70$; $Mínimo = 18$; $Máximo = 57$).

A maioria dos participantes era do sexo feminino (77.8%). O estado civil predominante foi solteiro (94.4%). A maioria dos participantes apresentava um estatuto socioeconómico de nível médio (86.7%), seguido do nível baixo (12.2%). Relativamente às habilitações literárias, 51.1% dos participantes tinham completado o ensino secundário, 46.7% eram licenciados e os restantes 2.2% correspondiam a um participante com um curso tecnológico/profissional e um com um mestrado, respetivamente.

Quanto à área de estudos, predominaram os estudantes da área de Psicologia (68.9%), seguindo-se os estudantes de Ciências da Comunicação (4.4%) e Engenharia Alimentar (4.4%). Os participantes se definiram como católicos (51.1%) e ateus (28.9%).

Os 90 participantes da amostra foram atribuídos aleatoriamente a duas condições experimentais (Experimental e Controlo). No grupo experimental participaram 60 indivíduos e no grupo de controlo participaram 30.

Foram selecionados dentre os participantes do grupo experimental, um total de 20 que relataram uma situação de traição de tipo Infidelidade¹. Do grupo de controlo inicial, foram selecionados 20 participantes emparelhados com o grupo experimental.

A amostra final para este estudo foi composta por 40 indivíduos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos ($M = 23.30$; $DP = 4.91$; $Mínimo = 18$; $Máximo = 44$), sendo a maioria do sexo feminino (80%). A maioria dos estudantes tinham estado civil solteiro (95%) e 5% eram divorciados. O nível socioeconómico foi médio (90.0%) e baixo (10.0%).

¹ O procedimento seguido para classificação das narrativas de traição será exposto no apartado de procedimento de recolha de dados.

Quanto às habilitações literárias, 45.0% tinha o ensino secundário e 55.0% tinha licenciatura, sendo que a área de estudantes onde predominaram mais estudantes foi a área de Psicologia (65%), seguida da área de Engenharia Alimentar (7.5%) e Línguas e Comunicação (7.5%). Relativamente à ideologia religiosa, a maioria dos estudantes eram católicos (50%) e ateus (30%).

Os 20 participantes da condição experimental eram estudantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos ($M = 23.70$; $DP = 6.45$); *Mínimo* = 18; *Máximo* = 44), sendo a maioria do sexo feminino (80%). Relativamente ao estado civil, a maioria tinha estado civil solteiro (95.0%). O estatuto socioeconómico dos estudantes na condição experimental foi nível médio (85%) e baixo (15%). Quanto às habilitações literárias, estes possuem o Ensino Secundário (55%) e Licenciatura (45%), sendo a área de estudos predominante a área da Psicologia (75%). A maior parte dos estudantes se definiram como católicos (45%) e ateus (35%).

Os 20 participantes da condição de controlo tinham idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos ($M = 22.90$; $DP = 2.73$; *Mínimo* = 18; *Máximo* = 28), a maioria era do sexo feminino (80%) e solteiros (95%). O nível socioeconómico situou-se nível médio (95%) e baixo (5%). No que diz respeito às habilitações literárias, os estudantes tinham licenciatura (65%) e o ensino secundário (35%), sendo que a área de estudos predominante foi a área da Psicologia (55%), seguida de Línguas e Comunicação (15%). Quanto à ideologia religiosa, 55% eram católicos e 25% ateus.

Os participantes de ambos os grupos foram equivalentes na idade com uma magnitude de efeito pequena ($t_{(38)} = .510$; $p = .613$; $d = .161$), no sexo ($X^2_{(1)} = .000$; $p = 1.000$), no estado civil ($X^2_{(1)} = .000$; $p = 1.000$), nas habilitações literárias ($X^2_{(1)} = 1.616$; $p = .204$), na área de estudos ($Fisher = 9.230$; $p = .212$), no estatuto socioeconómico ($X^2_{(1)} = 1.111$; $p = .292$), e na ideologia religiosa ($Fisher = 1.618$; $p = .877$).

3.2. Instrumentos

Foram aplicados os seguintes instrumentos de avaliação:

a) Questionário de Dados Sociodemográficos

Foi utilizado um questionário relativo à informação sociodemográfica (Anexo A) composto por 12 itens relativos à caracterização dos participantes, nomeadamente idade, género, estado civil, agregado familiar, nacionalidade, naturalidade, habilitações literárias, área de estudos, profissão, estatuto socioeconómico e ideologia religiosa.

b) *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS)

A Escala de Afetos Positivos e Negativos (*Positive and Negative Affect Schedule – Expanded Form*; Watson & Clark, 1994; adaptação portuguesa Galinha & Pais-Ribeiro, 2005) (Anexo B) tem como objetivo avaliar os estados emocionais específicos do momento. A versão portuguesa é constituída por duas sub-escalas, 10 itens de afetos positivos e 10 itens de afetos negativos. Os itens da escala correspondentes às 20 emoções são classificados de acordo com uma escala de cinco pontos, de 1 a 5, em que 1 corresponde a “nada ou muito ligeiramente” e o 5 “extremamente”.

Na adaptação à versão portuguesa, os autores em vez de traduzirem os 20 descritores de afetos positivos e negativos, desenvolveram um processo similar ao da construção da escala original, ou seja, procuraram 20 descritores de emoções positivas e negativas que fossem mais representativas do léxico emocional dos portugueses e que fossem fiéis à escala original. Ao nível da consistência interna, comparando a escala original com a versão portuguesa, o valor de *alpha* de *Cronbach* para a escala de afeto positivo da escala original $\alpha = .88$, na versão portuguesa $\alpha = .86$ e para a escala de afeto negativo da escala original $\alpha = .87$ e na versão portuguesa $\alpha = .89$. Os valores de consistência interna para a versão portuguesa refletem uma magnitude idêntica à da escala original. Quanto à correlação entre as duas dimensões da PANAS, afeto positivo e negativo, na escala original é de $-.17$, e para a versão portuguesa é de $-.10$.

Esta escala foi aplicada aos participantes em dois momentos diferentes, no início e no final da experiência. A utilização desta escala em diferentes momentos justifica-se pela importância de verificar se existiram diferenças significativas ao nível das emoções no pré-teste e no pós-teste.

c) *Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI)*

O Inventário de Obsessões-Compulsões de Vancouver (VOCI, Thordarson, Radomsky, Rachman, Shafran, Sawchuk, e Hakstian, 2004; versão portuguesa Calisto, 2013) avalia os sintomas obsessivos-compulsivos dos participantes. Este inventário é composto por 55 itens, repartidos por seis sub-escalas, nomeadamente Contaminação (12 itens), Verificação (6 itens), Obsessões (12 itens), Acumulação (7 itens), *Just Right* (12 itens) e Indecisão (6 itens). Todos os itens são classificados através de uma escala de cinco pontos, em que o 0 corresponde a “nada” e 4 corresponde a “muito”. Esta escala foi aplicada para verificar a existência de sintomas obsessivos-compulsivos nos participantes.

O VOCI original demonstrou excelente consistência interna numa amostra de alunos, adultos da comunidade, POC e nas populações de controlo clínico, obtendo $\alpha = .96; .90; .94$ e $.98$, respetivamente. A fiabilidade teste-reteste do VOCI calculada através do coeficiente de correlação de *Pearson* foi alta para uma amostra de indivíduos com POC ($r = .96, p < .001$), mas significativamente inferior na amostra de alunos universitários ($r = .52, p < .01$) (Thordarson, et al., 2004).

Na presente investigação foi utilizada a adaptação portuguesa que obteve uma consistência interna da escala VOCI global muito boa ($\alpha = .94$), semelhante ao obtido pelos autores no estudo da escala original (Anexo C) (Calisto, 2013).

d) *Sensitivity to Contamination Scale (S-CTN)*

A Escala de Sensibilidade à Contaminação (S-CTN; Rachman, 2006; cit in Coughtrey, Shafran, Knibbs & Rachman, 2012) é um instrumento que tem como objetivo avaliar a sensibilidade dos indivíduos à contaminação, ou seja, o grau em que se sentem incomodados ou perturbados pela sensação de estar contaminado. Este instrumento é composto por 24 itens, classificados numa escala com 5 níveis que vão de 0 a 4, sendo que 0 corresponde a “Discordo Fortemente” e 4 a “Concordo Fortemente”. O S-CTN apresenta elevada consistência interna ($\alpha = .92$) (Rachman, 2006, cit in Coughtrey et al., 2012). Para a presente investigação foi utilizada uma versão portuguesa que se encontra em processo de adaptação na Universidade do Algarve

(Anexo D). Este instrumento foi incluído no presente estudo de modo a examinar se a contaminação mental está relacionada com a sensibilidade geral à contaminação.

e) *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MC-SDS)*

Esta escala é utilizada para medir o nível de desejabilidade social, ou seja, a tendência que os indivíduos têm para dar respostas socialmente aceites, evitando as respostas que são consideradas desfavoráveis pela sociedade. Foi utilizada uma versão traduzida da escala original MC-SDS composta por 33 itens com 7 níveis de resposta que vão de 1 a 7, em que 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e 7 a “Concordo Totalmente”. A escala original composta pelos 33 itens apresenta uma consistência interna elevada ($\alpha = .88$) e uma precisão teste-reteste após um mês de $r = .89$ (Crowne & Marlowe, 1960).

Uma vez que esta investigação baseou-se num paradigma experimental com auto-relatos realizados pelos participantes, foi importante a aplicação desta escala para controlo de tendências de resposta (Crowne & Marlowe, 1960) (Anexo E).

f) *Entrevista Estruturada*

De modo a recolher dados relativos aos pensamentos e comportamentos dos participantes “pós-tarefa” foi elaborada uma entrevista estruturada composta por doze questões relacionadas com a contaminação mental e comportamentos de lavagem, sensações de mal-estar e nojo. Para o efeito foram construídas duas versões, uma para o grupo experimental e outra para o grupo de controlo. Este instrumento teve como objetivo verificar se o participante desenvolveu compulsões de lavagem ou sensações de contaminação mental ou físicas e/ou sensações de nojo relativamente ao próprio ou aos outros, após o relato da situação, assim como recolher informações sobre a clareza das instruções que foram dadas aos participantes e das sensações de mal-estar causadas pela narrativa da situação de traição e conhecer os comportamentos e estratégias de neutralização dos participantes durante o período de pausa.

A entrevista é constituída por questões de resposta fechada e escalas analógicas de 10 cm de comprimento (Anexo F e G).

3.3 Procedimento de Recolha de Dados

O procedimento de recolha de dados se apresenta de forma esquemática na Tabela 1.

Tabela 1: *Representação gráfica do procedimento de recolha de dados.*

GE (n=20)	1 ^a Manipulação	Aplicação de instrumentos	2 ^a Manipulação	Relato de episódio de traição (10 minutos)	3 ^a Manipulação	PANAS (Pós-momento)	4 ^a Manipulação	Pausa (5 minutos)	5 ^a Manipulação	Entrevista estruturada e <i>Debriefing</i>
GC (n=20)	1 ^a Manipulação	Aplicação de instrumentos	2 ^a Manipulação	Relato de episódio neutro (10 minutos)	3 ^a Manipulação	PANAS (Pós-momento)	4 ^a Manipulação	Pausa (5 minutos)	5 ^a Manipulação	Entrevista estruturada e <i>Debriefing</i>

Após a autorização ao Exmo. Sr. Reitor da Universidade do Algarve, o procedimento de recolha de dados constou de nove passos:

1. Atribuição dos participantes às condições experimentais. Os participantes foram distribuídos ao acaso às condições experimentais (retirando um papel de uma sacola).
2. Consentimento informado. Foi solicitado o consentimento informado (Anexos H e I) e garantida a confidencialidade dos dados recolhidos.
3. Aplicação de instrumentos de auto-resposta. Após a obtenção do consentimento, foram aplicados os instrumentos na ordem que se segue: Questionário de dados sociodemográficos, PANAS, VOICI, S-CTN e MC-SDS.
4. Manipulação experimental. Uma vez preenchidos os instrumentos, procedeu-se à manipulação experimental, consoante a condição a que os sujeitos tinham sido atribuídos. Recorremos, para esta investigação, à metodologia utilizada por Cogle, Goetz, Hawkins & Fitch (2012), num estudo que procurava analisar o papel da culpa no desenvolvimento de compulsões de lavagem. O motivo pelo qual optámos por recorrer a este paradigma e não ao paradigma do beijo-sujo deveu-se à possibilidade que este paradigma proporciona de recolher relatos idiossincráticos de cada participante.

Aos participantes que constituíram o grupo experimental foi solicitado que, durante um período de dez minutos, relatassem um evento das suas vidas no

qual se tivessem sentido traídos por alguém. Foi-lhes solicitado que revivessem o acontecimento com a maior vividez e que o descrevessem da forma mais detalhada possível, de modo a incluir sensações, pensamentos ou sentimentos que tenham sentido no momento. As instruções utilizadas para o efeito foram traduzidas e adaptadas a partir das instruções que Cogle e colaboradores (2012). Foram transmitidas de forma oral e por escrito a cada participante. Incluíam alguns exemplos de situações que poderiam ser consideradas como episódios de traição, tendo em conta a classificação apresentada por Rachman (2010). A categorização apresentada por este autor descrevia cinco tipos de traição principais, nomeadamente infidelidade, desonestidade, deslealdade, falha na assistência e divulgação de informações confidenciais. Para controlar a existência de possíveis efeitos de primazia ou de recência foram criadas cinco versões contrabalançadas que diferiam na ordem de apresentação dos exemplos de traição.

As instruções que os participantes da condição experimental receberam foram as seguintes: *“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente marcante da sua vida, no qual se tenha sentido traído por alguém. Alguns exemplos de traição podem incluir casos de infidelidade, de desonestidade, de deslealdade, situações em que necessitou de ajuda de alguém próximo e esta não lhe foi prestada ou divulgação de informações confidenciais a seu respeito (por exemplo, divulgação de um segredo). Tente reviver esse momento no qual se sentiu vítima de traição e descreva-o da forma mais precisa e detalhada que consiga. É muito importante que descreva detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação e de como se sente atualmente relativamente a ela. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”*

Aos participantes da condição de controlo foi solicitado que relatassem durante um período de dez minutos um evento neutro da sua vida. As instruções para os participantes desta condição foram também transmitidas de forma oral e por escrito. A instrução completa do grupo de controlo foi a seguinte: *“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente neutro da sua vida, no qual não se tenha sentido nem mal, nem bem. Alguns exemplos podem incluir uma atividade desportiva que pratique, a matéria de uma aula ou uma rotina diária. Tente reviver esse momento e descrevê-lo da*

forma mais precisa e detalhada que consiga. É muito importante que descreva detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”

5. Aplicação de um instrumento de auto-relato. Uma vez finalizada a tarefa narrativa, os participantes preencheram novamente a escala de afetos positivos e negativos.
6. Pausa. Posteriormente, foi comunicado ao participante que iria ser feita uma pequena pausa de cinco minutos que fazia parte do procedimento e durante a qual poderiam ir à casa de banho ou beber água, se necessitassem. A água foi propositadamente disponibilizada pelo investigador e encontrava-se ao alcance de todos os participantes. Foi referido também que quando a pausa terminasse iria ser aplicada uma pequena entrevista para finalizar a experiência.
7. Aplicação de entrevista estruturada e *Debriefing* final.
8. Classificação das narrativas de traição. No início da manipulação experimental proporcionou-se a cada participante um envelope com apenas um número para que colocassem no seu interior a narrativa realizada. Finalizada a entrevista, solicitou-se aos participantes que colocassem na narrativa dentro do envelope. O envelope fechado deveria ser colocado, dentro de uma urna.
9. Uma vez recolhidos os dados dos 90 participantes, a urna foi entregue a dois juízes independentes que conheciam os objetivos da experiência mas desconheciam a identidade dos participantes. Foi solicitado aos juízes que classificassem as narrativas de traição de acordo com a categoria proposta por Rachman (2010), nomeadamente Infidelidade, Desonestidade, Deslealdade, Falha na Assistência e Divulgação de Informação. Para aumentar a concordância entre os juízes, foi proporcionada aos mesmos a descrição dos diferentes tipos de narrativas (Anexo J).

Foi realizada a análise de concordância entre os dois juízes e obteve-se um ($K = .671$), que corresponde a uma concordância substancial na classificação de narrativas.

Da análise anterior resultaram 20 casos de infidelidade, 4 de desonestidade, 24 de deslealdade, 5 de falha na assistência e 5 de divulgação de informação.

Para o presente trabalho foram selecionados para análise os casos de traição de Infidelidade ($n = 20$). Foi, ainda, selecionada uma amostra de 20 participantes do

grupo de controlo emparelhada nas características sociodemográficas com o grupo experimental.

3.4 Procedimento de Análise de Dados

Para proceder à análise dos dados utilizou-se o programa de análise de dados estatísticos SPSS (versão 22.0).

De modo a realizar a caracterização sociodemográfica das amostras nas duas condições (controlo e experimental) foram utilizadas tabelas de frequência e calculadas medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão).

Foram analisadas as variáveis psicológicas e psicopatológicas através do Teste *T-Student* para amostras independentes (*Independent Sample T-Test*).

Para a análise da significância das diferenças entre os grupos (GE vs. GC) foi também utilizado o Teste *T-Student* para amostras independentes com as variáveis quantitativas. Através do Teste T para amostras independentes para a estimação do tamanho do efeito foi considerado o valor do *d* de *Cohen* (*d*). Foram consideradas magnitudes pequenas do efeito os valores de $d = .2$, magnitudes médias, o valor $d = .5$, e as superiores ou iguais a $d = .8$, magnitudes grandes (Cohen, 1988).

Para analisar as variáveis qualitativas utilizou-se o Teste de Independência do Qui-Quadrado. Quando não se verificou os pressupostos para a aplicação do Teste do Qui-Quadrado (todas as células devem ter uma frequência esperada superior a 1, pelo menos 80% das células apresentarem frequência esperada superior ou igual a 5; a dimensão total da amostra ser superior a 20), foi utilizado o teste de *Fisher*, sendo um teste que permite testar um ou mais grupos independentes que diferem relativamente a uma determinada característica (Marôco, 2010).

Para a análise das medidas pré e pós manipulação experimental, foi realizada uma análise de variância com medidas repetidas (ANOVA *Repeated Measures*). Para a estimação do tamanho do efeito foi considerado o valor do eta quadrado parcial (η_p^2). Foram consideradas magnitudes pequenas do efeito os valores de $\eta_p^2 \leq .009$, entre $.058 > \eta_p^2 < .13$ magnitudes médias, e as superiores ou iguais a $\eta_p^2 = .14$, magnitudes grandes (Cohen, 1973).

Foi considerado o nível de significância de 5% para a tomada de decisão, relativamente aos testes estatísticos realizados.

4 – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto serão descritos os resultados mais relevantes obtidos a partir das análises realizadas. A apresentação dos mesmos será estruturada para dar resposta aos objetivos e hipóteses formuladas. Será, contudo, de forma prévia, analisada a homogeneidade dos participantes atribuídos às condições experimentais no que diz respeito às variáveis psicológicas e psicopatológicas e analisada a verificação da manipulação experimental.

4.1 Análise da comparação entre grupos nas variáveis psicológicas e psicopatológicas

Previamente à análise dos resultados da investigação propusemo-nos a comparar ambos os grupos em estudo, relativamente às variáveis psicológicas e psicopatológicas, com objetivo de verificar a homogeneidade dos mesmos.

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas e a magnitude de efeito foi reduzida (VOCI: $t_{(38)} = -.018$; $p = .986$; $d = -.006$) nos sintomas obsessivo-compulsivos dos participantes em função de terem sido atribuídos à condição experimental ou a de controlo (GE: $M = 36.85$; $DP = 25.72$; GC: $M = 37.00$; $DP = 26.16$), nem, de forma mais específica ($t_{(38)} = -1.202$; $p = .237$; $d = -.380$) nos sintomas de contaminação que apresentavam (VOCI [subescala contaminação]: GE: $M = 5.70$; $DP = 5.24$; GC: $M = 8.05$; $DP = 6.999$). Da mesma forma, também não se diferenciaram de forma significativa (S-CTN: $t_{(38)} = .883$; $p = .383$; $d = .279$) na sensibilidade à contaminação que apresentavam (GE: $M = 57.00$; $DP = 11.50$; GC: $M = 53.30$; $DP = 14.80$). Os participantes de ambos os grupos também não diferiram (MC-SDS: $t_{(38)} = .029$; $p = .977$; $d = .009$) nos níveis de desejabilidade social que apresentavam (GE: $M = 126$; $DP = 22.96$; GC: $M = 125.8$; $DP = 19.96$).

De acordo com estes resultados podemos considerar que os participantes do GE e do GC eram equivalentes nas variáveis psicológicas e psicopatológicas analisadas.

4.2 Análise das variáveis de controlo de manipulação experimental

A análise das variáveis quantitativas através do Teste *T* de *Student* para amostras independentes mostrou que não existem diferenças estatisticamente significativas ($t_{(38)} = .421$; $p = .505$; $d = .133$) entre os grupos (GE: $M = 9.615$; $DP = .719$; GC: $M = 9.515$; $DP = .781$) na clareza das instruções que foram fornecidas aos participantes.

Os resultados mostraram a existência de diferenças estatisticamente significativas e a magnitude do efeito foi média ($t_{(38)} = -2.310$; $p = .026$; $d = -.730$) entre os participantes das duas condições (GE: $M = 6.710$; $DP = 2.280$; GC: $M = 8.320$; $DP = 2.125$) na forma como vivenciaram a recordação de situação, sendo que o grupo GC conseguiu uma recordação mais vivida que o GE.

4.3 Verificação da manipulação experimental

4.3.1 Análise das sensações de contaminação mental

Foram analisadas as sensações de contaminação mental experienciadas pelos participantes após a manipulação experimental. O grupo experimental ($M = 1.375$; $DP = 2.284$) mostrou um maior grau de sujidade experimentado pela recordação da narrativa do que o grupo de controlo (GC: $M = .475$; $DP = 1.110$). Embora as diferenças entre ambos os grupos não tenham sido significativas, a magnitude do efeito foi média ($t_{(38)} = 1.585$; $p = .121$; $d = .501$).

Da mesma forma, não existiram diferenças significativas entre os grupos na sujidade interna, mas a magnitude de efeito foi média ($t_{(38)} = 1.835$; $p = .074$; $d = .580$), pelo que podemos considerar a existência de diferenças entre os grupos, tendo os participantes da condição experimental mostrado níveis superiores de sujidade interna ($M = 1.600$; $DP = 2.641$) que o grupo de controlo ($M = .425$; $DP = 1.106$).

Quanto às sensações de sujidade externa não existiram diferenças significativas, com uma magnitude de efeito pequena ($t_{(38)} = 1.212$; $p = .233$; $d = .383$) entre os grupos (GE: $M = .535$; $DP = 1.470$; GC: $M = .133$; $DP = .213$).

Na Tabela 2 encontra-se a análise da localização da sujidade nalguma parte interior ou exterior do corpo, que através do Teste de Independência do Qui-Quadrado mostrou diferenças estatisticamente significativas ($X^2_{(1)} = 4.444$; $p = .035$) entre os dois grupos. Cerca de 4 participantes do grupo experimental (20%) conseguiram localizar a

sujidade no seu corpo internamente ou externamente e localizaram a sujidade: “Abaixo da divisão dos seios e acima do estômago” (25.0%), na “Mente” (25.0%), na “Cabeça” (25.0%) e no “Corpo todo” (25.0%).

Tabela 2: *Localização da sujidade no corpo (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)*

Grupo	Não	Sim	X^2	p
Grupo				
Experimental ($n=20$)	16 (80.0%)	4 (20.0%)		
Grupo de Controlo ($n=20$)	20 (100.0%)	0 (0.0%)	4.444	0.035
Total ($n=40$)	36 (90.0%)	4 (10.0%)		

Nota: X^2 – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

4.3.2 Análise das emoções e afetos positivos e negativos

Os sentimentos e emoções dos participantes após a tarefa de indução experimental foram analisados e os resultados mostraram níveis significativamente elevados de mal-estar com uma magnitude de efeito grande ($t_{(38)} = 2.734$; $p = .009$; $d = .866$) após a recordação do episódio no grupo experimental comparativamente ao grupo de controlo (GE: $M = 3.410$; $DP = 2.489$; GC: $M = 1.455$; $DP = 2.006$).

Foram também observadas diferenças estatisticamente significativas ($X^2_{(7)} = 18.895$; $p = .009$) na forma como os grupos descreveram o mal-estar. Na Tabela 3 encontra-se a classificação do mal-estar segundo os participantes após a manipulação experimental. O GE descreveu o mal-estar na sua maioria como um *desconforto* (30.0%), seguindo-se sentimentos de *nojo* (15.0%) e *ansiedade* (15.0%), enquanto os participantes do GC referiram em maior percentagem não ter sentido mal-estar (80.0%), seguido do sentimento de *desconforto* (15.0%) e *ansiedade* (5.0%).

Tabela 3: Descrição do tipo de mal-estar experienciado pelos participantes (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)

Variável	Grupo Experimental (n=20)	Grupo de Controle (n=20)	Total (n=40)	X ²	p
Não sentiu mal-estar	3 (15.0%)	16 (80.0%)	19 (47.5%)		
Desconforto	6 (30.0%)	3 (15.0%)	9 (22.5%)		
Nojo	3 (15.0%)	0 (0.0%)	3 (7.5%)		
Ansiedade	3 (15.0%)	1 (5.0%)	4 (10.0%)	18.895	.009
Raiva	2 (10.0%)	0 (0.0%)	2 (5.0%)		
Arrependimento	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Desilusão	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Tristeza	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		

Nota: X² – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

A análise das alterações nas emoções positivas e negativas que foram registradas pelo PANAS como consequência da manipulação experimental foi realizada através da ANOVA com medidas repetidas. Foram consideradas as seguintes variáveis: o momento de aplicação do instrumento (pré e pós manipulação), sendo considerado como a variável intrasujeitos, a pertença dos indivíduos às condições experimentais (GE, GC) como a variável intragrupos, e a média dos afetos positivos e negativos como variáveis dependentes.

Os resultados mostraram que as diferenças nos *afetos positivos* entre o primeiro e o segundo momento não foram estatisticamente significativas ($F_{Greenhouse-Geisser} (1,38) = 2.006$; $p = .165$, $\eta_p^2 = .050$), o nível de significância situou-se distante do estabelecido e a magnitude obtida para o tamanho do efeito foi pequena. A análise da variável intersujeitos mostrou que não existem diferenças significativas na média dos afetos positivos entre o grupo de controle e o grupo experimental ($F_{Greenhouse-Geisser} (1,38) = .140$; $p = .710$, $\eta_p^2 = .004$) e a magnitude do tamanho da diferença foi pequena. No entanto, como se pode observar na Figura 1, apesar da inspeção visual do gráfico mostrar a interação das variáveis e um decréscimo dos afetos positivos entre o momento prévio e posterior à manipulação experimental muito mais marcado no grupo de controle, a interação não foi estatisticamente significativa, pelo que os afetos positivos não parecem ter sido

afetados, como era de esperar, pela manipulação da variável independente ($F_{Greenhouse-Geisser} (1,38) = .977; p = .329, \eta_p^2 = .025$).

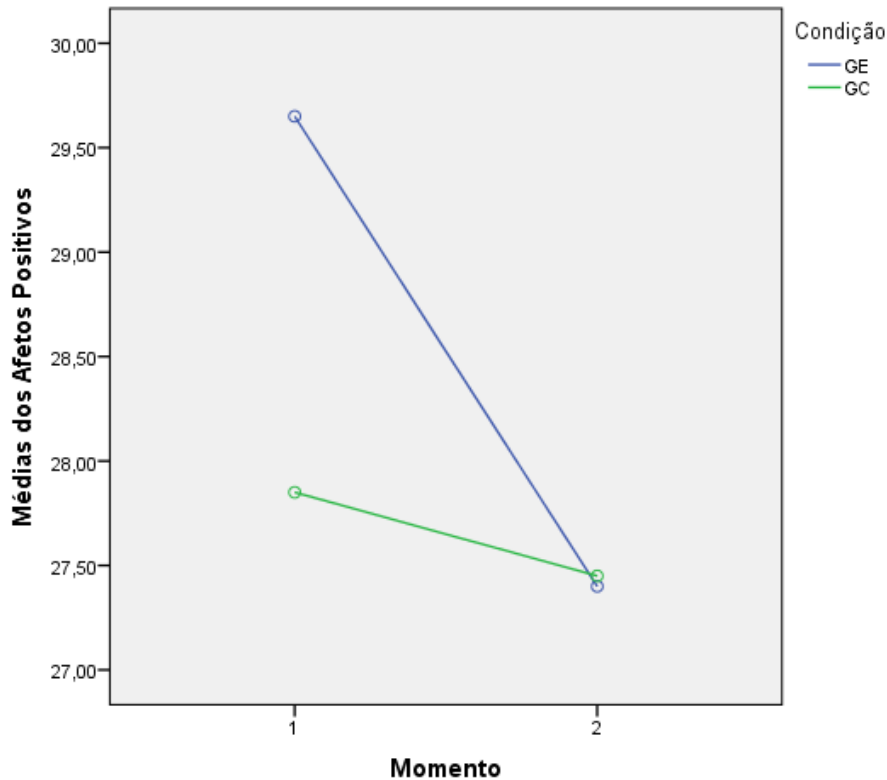


Figura 1: Afetos Positivos no pré e pós momento da manipulação experimental no GE e GC (Resultados da análise de variância).

Os resultados das diferenças nos *afetos negativos* entre o primeiro e segundo momento não foram estatisticamente significativas ($F_{Greenhouse-Geisser} (1,38) = 2.520; p = .121, \eta_p^2 = .062$), no entanto, a magnitude obtida para o tamanho do efeito foi média, pelo que podemos considerar que os participantes apresentaram, uma média superior de afetos negativos no segundo momento em comparação com o primeiro. A análise da variável inter-sujeitos mostrou a existência de diferenças significativas na média dos afetos negativos entre o grupo de controlo e o grupo experimental ($F_{Greenhouse-Geisser} (1,38) = 7.769; p = .008, \eta_p^2 = .170$), e a magnitude do tamanho da diferença foi grande, pelo que podemos considerar que os participantes do GE apresentaram em média, mais afetos negativos do que os participantes do GC. Como se pode observar na Figura 2, apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas para a interação momento-grupo, o nível de significância situa-se muito próximo do estabelecido e a

magnitude do efeito foi média, pelo que podemos considerar que os afetos negativos entre o momento prévio e posterior à manipulação experimental parecem ter sido influenciadas, como era esperado pela manipulação experimental realizada ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,38) = 3.883$; $p = .056$, $\eta_p^2 = .093$).

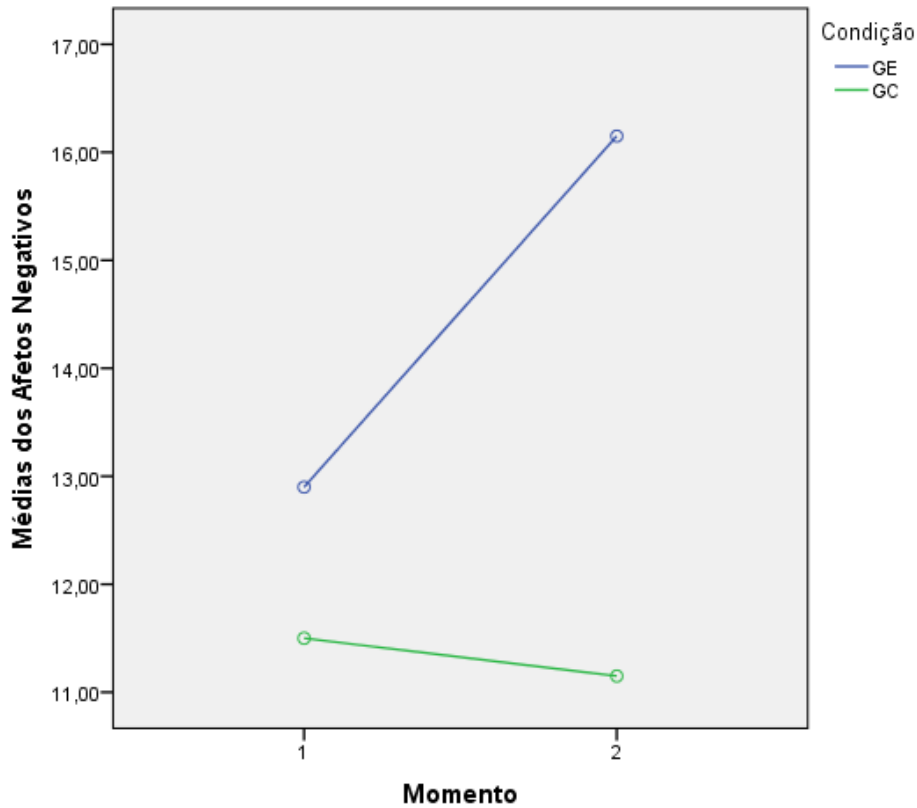


Figura 2: Afetos Negativos no pré e pós momento da manipulação experimental no GE e GC (Resultados da análise de variância).

4.3.3 Análise do sentimento de Nojo

Foi analisado o sentimento de nojo experienciado pelos participantes após a manipulação experimental através da análise estatística realizada às respostas destas a questões da entrevista estruturada. Os resultados mostraram níveis significativos de nojo com uma magnitude de efeito muito elevada ($t_{(38)} = 5.817$; $p = .000$; $d = 1.839$) dos participantes do grupo experimental em relação ao perpetrador da traição quando comparados com o grupo de controlo (GE: $M = 4.905$; $DP = 3.691$; GC: $M = .095$; $DP = .231$).

Não existiram diferenças estatisticamente significativas com uma magnitude de efeito pequena ($t_{(38)} = 1.420$; $p = .164$; $d = .45$) no sentimento de nojo em relação a si próprio entre os grupos (GE: $M = .945$; $DP = 1.896$; GC: $M = .300$; $DP = .732$).

4.3.4 Análise dos comportamentos de lavagem e estratégias de neutralização

Foram analisados os comportamentos de lavagem e as estratégias de neutralização e evitamento através das questões colocadas aos participantes na entrevista estruturada. Os resultados mostraram que existiram diferenças estatisticamente significativas ($X^2_{(8)} = 23.842$; $p = .002$) entre os grupos relativamente às atitudes dos participantes para reduzir o mal-estar causado pela manipulação experimental. Na Tabela 4 se apresentam os comportamentos realizados pelos participantes para redução do mal-estar durante a pausa. Sendo que o GE demonstrou maior número de atitudes para reduzir o mal-estar, tais como “Pensar noutros assuntos” (45.0%), “Beber água” (10.0%), “Aceitar a situação” (10.0%), “Concentrar-se na Tarefa” (5.0%), “Fumar” (5.0%), “Ouvir música” (5.0%), comparativamente ao GC que na sua maioria não fez nada para reduzir o mal-estar (85.0%) e apenas três pessoas referiram ter optado por “Pensar noutros Assuntos” (15.0%).

Como se pode observar na Tabela 5, a percentagem de estudantes que bebeu água é superior no grupo experimental (40.0%) do que no grupo de controlo (10.0%), tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas ($X^2_{(1)} = 4.800$; $p = .028$). Desta forma, o grupo experimental revelou maiores comportamentos de lavagem que o grupo de controlo.

De acordo com a Tabela 6, a maioria dos participantes da condição experimental referiram ter bebido água porque tinham “Sede” (37.5%) e para “Reduzir a ansiedade e o desconforto” (37.5%). Enquanto, a todos os participantes do grupo de controlo que beberam água mencionaram tê-lo feito por “Sede” (100%).

Na Tabela 7 encontra-se a análise da necessidade dos participantes para utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo, observa-se que não existiram diferenças estatisticamente significativas ($X^2_{(1)} = .278$; $p = .598$) entre os grupos, sendo que apenas 10% dos participantes do GE sentiram necessidade de utilizar a casa de banho. Os participantes que utilizaram a casa de banho e revelaram comportamentos de lavagem referiram ter lavado as “Mãos” (100%).

Os participantes que beberam água e/ou utilizaram a casa de banho foram questionados acerca da sensação de se sentirem mais limpos depois de o fazer, sendo que apenas 1 participante respondeu “Sim”.

Tabela 4: *Comportamentos para reduzir o mal-estar (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)*

Variável	Grupo Experimental (n=20)	Grupo de Controlo (n=20)	Total (n=40)	X ²	p
Não fez nada	2 (10.0%)	17 (85.0%)	19 (47.5%)		
Pensar noutros assuntos	9 (45.0%)	3 (15.0%)	12 (30.0%)		
Beber água	2 (10.0%)	0 (0.0%)	2 (5.0%)		
Aceitar a situação	2 (10.0%)	0 (0.0%)	2 (5.0%)	23.842	.002
Concentrar-se na tarefa	1 (10.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Beber chocolate quente	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Fumar	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Ouvir música	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		
Sair da sala	1 (5.0%)	0 (0.0%)	1 (2.5%)		

Nota: X² – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

Tabela 5: *Comportamento de beber água durante a pausa (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)*

Grupo	Não	Sim	X ²	p
Grupo Experimental (n=20)	12 (60.0%)	8 (40.0%)		
Grupo de Controlo (n=20)	18 (90.0%)	2 (10.0%)	4.800	.028
Total (n=40)	30 (75.0%)	10 (25.0%)		

Nota: X² – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

Tabela 6: *Motivo para terem bebido água (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)*

Grupo	Sede	Diminuir			X ²	p
		ansiedade e o desconforto	Boca seca	Hábito		
Grupo						
Experimental (n=20)	3 (37.5%)	3 (37.5%)	1 (12.5%)	1 (12.5%)	2.500	.475
Grupo de Controlo (n=20)	2 (100%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)		
Total (n=40)	5 (50.0%)	3 (30.0%)	1 (10.0%)	1 (10.0%)		

Nota: X² – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

Tabela 7: *Necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do corpo (Resultados do Teste de Independência do Qui-Quadrado)*

Grupo	Não	Sim	X ²	p
Grupo				
Experimental (n=20)	18 (90.0%)	2 (10.0%)	2.105	.147
Grupo de Controlo (n=20)	20 (100.0%)	0 (0.0%)		
Total (n=40)	38 (95.0%)	2 (5.0%)		

Nota: X² – estatística de teste do qui-quadrado; $p \leq .05$

5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente investigação teve como objetivo principal a indução de sentimentos e comportamentos de contaminação mental num grupo de estudantes universitários através da recordação de uma situação de infidelidade e procurámos verificar se a recordação de uma história de traição produzia sentimentos de contaminação mental, assim como o aparecimento de emoções negativas, sentimentos de nojo e comportamentos de lavagem e estratégias de neutralização.

Não existiram diferenças significativas entre os grupos nas variáveis sociodemográficas, psicológicas e psicopatológicas, pelo que considerou-se que ambos os grupos eram equivalentes nestas variáveis.

Também não foram verificadas diferenças entre os grupos na clareza com que perceberam as instruções dadas pelo investigador, o que revela que ambos os grupos perceberam da mesma forma o que lhes tinha sido instruído. No entanto, o grupo de controlo conseguiu obter uma descrição mais vívida da situação relatada comparativamente com o grupo de experimental. Este facto pode ser explicado com o nível temporal da ação, uma vez que foi solicitado ao grupo de controlo a recordação de uma situação neutra do seu dia-a-dia e por isso, mais recente do ponto de vista temporal, enquanto, os participantes do grupo experimental relataram situações de traição que aconteceram há mais tempo, não sendo tão fácil lembrá-las e acessíveis à memória. Estes resultados também podem ser justificados à luz dos resultados obtidos por Walker, Skowronski e Thompson (2003) sobre cinco artigos de memória autobiográfica e que mostraram a maior tendência dos indivíduos para lembrarem eventos agradáveis, do que os desagradáveis. Estes autores defendem que quando um fator emocional está envolvido, a memória sofre uma influência seletiva, justificando o facto dos participantes do grupo experimental (GE) não terem obtido uma descrição tão vívida da situação de traição, comparativamente com grupo de controlo (GC).

Para analisar os *sentimentos de contaminação mental* procedemos à avaliação das sensações de sujidade externas e internas experienciadas pelos participantes. Os resultados mostraram que existiram diferenças entre os grupos no grau de sujidade sentida ao recordar a situação de infidelidade, sendo que o GE experienciou um maior grau de sujidade do que o GC. Apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas considera-se que existiram diferenças entre os grupos, porque a magnitude de efeito foi média e o reduzido tamanho da amostra justifica estes resultados.

Também existiram diferenças nas sensações de sujidade interna entre os grupos, pois a magnitude de efeito foi médio, tendo o GE maiores sensações de sujidade interna. Quanto às sensações de sujidade externa não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos. Observou-se que 20% dos participantes do GE conseguiram localizar a sujidade em algumas zonas do seu corpo, nomeadamente, abaixo dos seios e acima do estômago, na mente, cabeça e no corpo todo, enquanto os do GC não localizaram a sujidade em nenhuma parte do seu corpo.

No estudo de Fairbrother e Rachman (2004) foram encontrados resultados semelhantes, uma vez que a recordação de uma situação de agressão sexual resultou em sentimentos de sujidade e desejo de lavar-se no grupo não-consensual, enquanto os

participantes que recordaram uma situação agradável não experienciaram esses sentimentos.

De acordo com estes autores (Fairbrother & Rachman, 2004), a sensação de sujidade externa e interna é um dos critérios de contaminação mental mais frequente no seu estudo, assim como também é evidenciado no nosso estudo.

Os resultados do estudo descrito anteriormente (Fairbrother & Rachman, 2004) são consistentes com o estudo realizado por Fairbrother e colaboradores (2005), em que os participantes da condição não-consensual sentiram-se mais sujos externamente e internamente e experienciaram maiores sentimentos de contaminação mental que os da condição consensual. Outros autores (Herba e Rachman, 2007) realizaram uma replicação da manipulação experimental anterior de Fairbrother e colaboradores (2005) e obtiveram os mesmos resultados.

Nestes estudos (Fairbrother, et al., 2005; Herba & Rachman, 2007; Elliot & Radomsky, 2012) foi introduzida a variável “nojo” nas condições não-consensuais através da descrição do aspeto físico do homem e verificou-se que as mulheres que tinham de imaginar um beijo não-consensual com um homem fisicamente sujo relataram maiores sentimentos de sujidade que os participantes das restantes condições.

Também no estudo de Elliot e Radomsky (2009) foi introduzida a variável “moralidade”, em que as participantes das condições consensuais ou não-consensuais recebiam informações acerca do homem, classificado como moral ou imoral e concluiu-se que nas condições não-consensuais imorais os sentimentos de sujidade eram maiores que na condição consensual imoral.

Segundo Rachman (2006), a moralidade é uma característica determinante na contaminação mental, uma vez que os sujeitos que percebem os outros como imorais podem desenvolver maiores sentimentos de contaminação mental. Os estudos que incluíram uma situação imoral na manipulação experimental (Herba & Rachman, 2007; Elliot & Radomsky, 2009) suportam a ideia defendida por Rachman (2006), pois verificaram elevados níveis de contaminação mental nos participantes.

Desta forma, considera-se que variáveis significativas, como a moralidade e descrição física do sujeito podem ser determinantes para o desenvolvimento de sentimentos de sujidade.

De forma semelhante ao nosso estudo, no estudo de Elliot e Radomsky (2009) os participantes da condição não-consensual conseguiram localizar a sujidade em algumas partes do corpo, nomeadamente na boca, língua e estômago.

De uma forma geral, os resultados obtidos são consistentes com resultados de estudos anteriores (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005; Herba & Rachman, 2007; Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012), em que a maioria dos participantes relatou elevados sentimentos de sujidade e de contaminação mental após a manipulação experimental. Ao contrário do nosso estudo, um estudo recente desenvolvido por Ishikawa, Kobori, Komory e Shimizu (2014), com 48 participantes, utilizando o paradigma do “*Dirty Kiss*” com o objetivo de analisar se os sentimentos de contaminação mental eram reduzidos pelo comportamento de lavagem, não encontrou diferenças entre os grupos nos sentimentos de sujidade.

Noutra perspetiva, alguns autores nos seus estudos (Fairbrother & Rachman, 2004; Herba & Elliot, 2007; Elliot & Radomsky, 2009) avaliaram a presença de sentimentos de contaminação não só pela presença de sensações de sujidade interna e externa como realizado no nosso estudo, mas também por outros índices, como a existência de emoções negativas internas e externas, impulsos de lavagem e comportamentos de lavagem e neutralização. Desta forma, sustenta-se a hipótese de que existem sentimentos de contaminação mental entre os participantes, uma vez que para além de existir diferenças no grau de sujidade sentida pelos participantes também se verificou diferenças nas emoções negativas entre os grupos e nos comportamentos de lavagem na presente investigação.

As análises efetuadas às *emoções* dos participantes no pré e pós-momento mostraram que o grupo experimental experienciou níveis significativos de mal-estar comparativamente ao grupo de controlo. A maioria dos participantes do GE descreveram o mal-estar como um desconforto, sentimento de nojo, ansiedade e raiva enquanto a maioria dos participantes do GC relataram não ter sentido mal-estar ao descrever a situação.

A análise da variância dos *afetos positivos* demonstrou que apesar da inspeção visual do gráfico mostrar um decréscimo do afeto positivo entre o primeiro momento e o segundo momento no GE, não houve diferenças estatisticamente significativas entre os momentos, nem entre os grupos, nem na interação entre ambos. O facto de não existirem diferenças significativas pode ser explicado pelo reduzido tamanho da amostra no nosso estudo. Quanto aos *afetos negativos*, existiram diferenças entre o primeiro e o segundo momento, sendo que existiu maiores afetos negativos no segundo momento comparativamente com o primeiro. Os resultados mostraram diferenças entre os grupos, sendo que o grupo experimental experienciou mais afetos negativos que o grupo de

controlo. Existiram diferenças na interação entre o momento e a condição, pelo que verificou-se que os afetos negativos entre o primeiro e o segundo momento foram influenciados pela manipulação experimental.

O nosso estudo obteve resultados semelhantes ao estudo realizado por Fairbrother e colaboradores (2005), que utilizou o paradigma do “*Dirty Kiss*”, no qual o grupo não-consensual relatou elevados níveis de *distress* geral. As participantes do grupo não-consensual após a manipulação experimental sentiram-se mais chateadas, ansiosas, tristes, com raiva e experienciaram maiores sentimentos de desonestidade, vergonha e imoralidade que as participantes do grupo consensual (Fairbrother, et al., 2005).

Os resultados de outros estudos (Fairbrother & Rachman, 2004; Elliot & Radomsky, 2009; Rachman, 2010; Elliot & Radomsky, 2012) são consistentes com os resultados obtidos. Os sentimentos experienciados pelos participantes demonstram que a indução experimental não se tratou de um evento neutro para os participantes e que estes sentiram mal-estar após a tarefa, tal como nos estudos descritos.

A maioria dos estudos realizados nesta temática (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005; Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012) recorreram à recordação mental da situação traumática ou era solicitado que imaginassem uma situação descrita numa gravação, enquanto o nosso estudo assumiu um carácter narrativo, o que pode ter influenciado as emoções dos participantes e permitido a estes organizar a sua experiência traumática.

De acordo com Pennebaker e Seagal (1999), escrever uma história sobre experiências de vida negativas está associado a melhorias na saúde mental e física, uma vez que ao escrever os indivíduos organizam a história num formato coerente, organizado, de modo a dar um significado a esse evento, permitindo gerir as emoções associadas ao mesmo. Esta teoria é apoiada por outro estudo (Lyubomirsky, Sousa & Dickerhoof, 2006), em que os participantes tinham de escrever sobre a sua pior experiência de vida e verificou-se uma maior satisfação com a vida e melhorias na sua saúde após a escrita. Desta forma, suporta-se a hipótese de que a recordação de uma situação de infidelidade leva ao aparecimento de emoções negativas.

Quanto aos *sentimentos de nojo*, os resultados mostraram que os participantes do grupo experimental experienciaram níveis significativos de nojo pelo perpetrador da traição. No entanto, não sentiram nojo em relação a si próprios.

O nojo é uma das respostas mais comuns entre os indivíduos que sofrem eventos traumáticos, nomeadamente em violações morais, traições, ou quando os indivíduos envolvidos nestas situações são percebidos como impuros (Rachman, 2004; Fairbrother & Rachman, 2004; Rachman, 2006).

Como tal, verifica-se que os sentimentos de nojo assumem um papel importante no estudo da contaminação mental, assim como é referenciado na investigação de Herba e Rachman (2007), em que o medo da contaminação e a sensibilidade ao nojo são dois fatores significativos para o desenvolvimento da contaminação mental.

Outros autores (Rachman & Hodgson, 1980) referem também que o nojo pode estar implicado na génese e manutenção da Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC). Neste sentido, Mancini, Gragnani & D'Olimpio (2001) realizaram um estudo com o objetivo de estudar a associação entre o nojo e as obsessões e compulsões numa população não-clínica. Estes autores concluíram que o nojo é uma variável importante nas obsessões e compulsões, sendo que esta associação pode ser importante para a prática clínica, uma vez que se os indivíduos trabalharem no sentido de reduzir as sensações de nojo, mais facilmente serão reduzidas as obsessões e compulsões de lavagem.

Os nossos resultados vão ao encontro dos resultados obtidos no estudo de Fairbrother e colaboradores (2005), em que participantes da condição não-consensual obtiveram maiores sentimentos de nojo, vergonha, repulsa e ansiedade que os participantes da condição não-consensual.

Um estudo realizado por Rachman e colaboradores (2012), com o objetivo de analisar se os perpetradores desenvolveriam sentimentos de contaminação mental semelhantes ao das vítimas, demonstrou que os participantes da condição não-consensual (perpetradores) experienciaram níveis significativos de nojo, sendo que estes aumentaram significativamente quando foi introduzida a componente traição na gravação, comparativamente com o grupo consensual. Ao contrário dos estudos descritos anteriormente, nos quais as vítimas experienciariam sentimentos negativos, como o nojo, em relação ao perpetrador, no estudo de Rachman e colaboradores (2012) são os autores da traição que sentem nojo de si próprios. Como o nosso estudo incidiu nas vítimas de traição, não foram questionadas as emoções negativas experienciadas pelos perpetradores, pelo que podemos apenas afirmar que as vítimas de traição não experienciaram sentimentos de nojo em relação a si próprias, ao contrário dos perpetradores que sentiram nojo de si mesmos (Rachman, et al, 2012).

Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo sustenta-se a hipótese de que a indução experimental acerca de uma situação de infidelidade origina elevados sentimentos de nojo no grupo experimental.

Relativamente aos *comportamentos de lavagem* e às *estratégias de neutralização*, os resultados sugerem que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos quanto aos seus comportamentos para redução do mal-estar experienciado pela recordação da história de infidelidade. O grupo experimental demonstrou mais atitudes durante a pausa para reduzir o mal-estar, tais como: “Pensar noutros assuntos”, “Beber água”, “Aceitar a situação”, “Concentrar-se na Tarefa”, “Fumar”, entre outras, enquanto o grupo de controlo na sua maioria não sentiu qualquer mal-estar.

Estes comportamentos de neutralização desenvolvidos pelos participantes são semelhantes aos comportamentos desenvolvidos pelos participantes no estudo de Fairbrother e colaboradores (2005), onde 39 em 121 participantes desenvolveram algum tipo adicional de estratégias de neutralização, além do comportamento de lavagem para reduzir o desconforto provocado pela manipulação experimental. Encontram-se entre estas estratégias, tarefas de distração mental, pensar noutros assuntos, pensar em coisas positivas, estratégias de relaxamento, sendo que a maioria das participantes que se envolveram em estratégias de neutralização adicionais pertenciam à condição não-consensual, tal como no presente estudo.

Quanto aos comportamentos de lavagem, existiram diferenças significativas entre os grupos. Os participantes do grupo experimental tiveram maior número de comportamentos de lavagem, uma vez que 40% dos participantes do GE beberam água para reduzir a ansiedade e o desconforto causado pela manipulação ou por terem sede, comparativamente ao grupo de controlo. No entanto, não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos quanto à utilização da casa de banho, sendo que apenas 10% do GE utilizou a casa de banho para lavar as mãos e um dos participantes referiu sentir-se mais limpo depois de ter tido este comportamento de lavagem.

Estes resultados são consistentes com os resultados obtidos por Fairbrother e Rachman (2004), no qual apenas 9 participantes desenvolveram comportamentos de lavagem (boca e mãos) durante o tempo de pausa a seguir à recordação da agressão sexual e relataram maiores níveis de contaminação mental comparativamente às mulheres que não tiveram comportamentos de lavagem. De forma parcialmente

semelhante ao nosso estudo, as participantes que se lavaram referiram tê-lo feito para reduzir os sentimentos associados à recordação.

Também no estudo realizado por Elliot e Radomsky (2009) foram poucas as mulheres que desenvolveram comportamentos de lavagem para eliminar sensações físicas provocadas pela gravação de áudio. Os resultados deste estudo são congruentes com os obtidos no nosso estudo, uma vez que apenas 8 mulheres da condição não-consensual tiveram comportamentos de lavagem, tendo bebido água para aliviar sentimentos associados à recordação da traição. Estes resultados também são apoiados pelos resultados obtidos por Fairbrother e colaboradores (2005), em que apenas 8 mulheres (de 91 participantes) da condição não-consensual desenvolveram comportamentos de lavagem (beber água e/ou lavar as mãos) para neutralizar sentimentos de contaminação mental que foram desencadeados pela manipulação experimental. Da mesma forma, os autores Elliot e Radomsky (2012) verificaram que apenas 8 mulheres da condição não-consensual tiveram comportamentos de lavagem.

Os resultados do nosso estudo e dos estudos anteriormente descritos (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, et al., 2005; Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012) são inconsistentes com os resultados do estudo realizado por Herba e Rachman (2007), em que houve um maior número de mulheres (27 em 100 participantes) da condição não-consensual com comportamentos de lavagem. No entanto, salienta-se o facto de os autores (Herba & Rachman, 2007) terem incluído no estudo variáveis como, a moralidade e o nojo, que podem explicar um número maior de mulheres com comportamentos de lavagem, sendo que a variável “nojo” desempenha um papel de maior relevo, pois quando é removida a componente da descrição física do sujeito, a percentagem de mulheres que têm comportamentos de lavagem diminui em outros estudos (Elliot & Radomsky, 2009). Neste sentido, uma vez que na presente investigação não foram incluídas estas variáveis pode explicar o reduzido número de participantes com comportamentos de lavagem.

Os resultados encontrados corroboram o estudo de Rachman (2010), no qual foi encontrado uma forte associação entre ser traído e desenvolver comportamentos de lavagem. O facto de poucos participantes terem desenvolvido comportamentos de lavagem, pode estar relacionado com a gravidade das histórias de infidelidade narradas pelos mesmos, uma vez que o autor refere que a traição deverá ser experienciada de forma catastrófica pela vítima para que existam compulsões de lavagem (Rachman, 2010).

Os nossos resultados suportam a hipótese de que a recordação originaria mais comportamentos de lavagem e estratégias de neutralização e evitamento nos participantes do grupo experimental do que no grupo de controlo.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES

O presente estudo teve como objetivo principal a indução de sentimentos de contaminação mental num grupo de estudantes universitários através da recordação uma situação de infidelidade.

De uma forma geral, os resultados obtidos são consistentes com as hipóteses previstas. Existiram diferenças entre os grupos nos sentimentos de sujidade, sendo que o grupo experimental teve maiores sentimentos de sujidade interna que o grupo de controlo, pelo que podemos concluir que existiram sentimentos de contaminação mental nos participantes após a manipulação experimental. Os resultados mostraram um aumento das emoções negativas nos participantes do grupo experimental. Os participantes também experienciaram níveis significativos de nojo relativamente ao perpetrador da traição e apesar de terem sido poucos os participantes que desenvolveram comportamentos de lavagem e neutralização, estes comportamentos ocorreram em maioria no grupo experimental.

Uma extensa revisão da literatura permitiu-nos verificar que cada estudo nesta temática definiu os seus próprios critérios para avaliação da contaminação mental e não existiu nenhuma medida comum a todos os estudos que permitisse avaliar a contaminação mental. No nosso estudo, a contaminação mental foi avaliada pelos sentimentos de sujidade experienciados pelos participantes, uma vez que existiram diferenças entre os grupos nas questões que analisavam os sentimentos de sujidade podemos inferir que a imaginação de uma situação de infidelidade idiossincrática pode evocar sentimentos significativos de contaminação mental.

Seria interessante em investigações futuras incluir outras variáveis relevantes para o estudo da contaminação mental e compulsões de lavagem, tais como a descrição física do sujeito (nojo), a moralidade e a gravidade da traição.

Apesar de termos encontrado resultados passíveis de serem discutidos deparámo-nos ao longo deste estudo com algumas limitações que nos impedem de fazer interpretações mais objetivas. De destacar, o reduzido número da amostra (n=40), facto que condicionou a elaboração de análises estatísticas mais robustas. O tempo de duração

da experiência foi um dos impedimentos à recolha de um maior número de participantes. A maioria dos trabalhos publicados nesta área apresenta amostras superiores a 120 participantes, tendo apenas o estudo de Fairbrother e Rachman (2004) utilizado uma amostra reduzida (n=50), que também é considerada pelos autores como uma limitação. A amostra utilizada, estudantes universitários sem diagnóstico clínico, limita a generalização dos resultados.

Não foram incluídas no estudo medidas para avaliar a gravidade das traições, constituindo assim uma limitação, uma vez que as traições percebidas como catastróficas pelas vítimas têm maior probabilidade de provocar sentimentos de contaminação mental (Rachman, 2010).

O contacto físico entre as vítimas e os perpetradores da traição foi inferido pelos juízes independentes, pelo que não foi considerado para análise. Esta é uma limitação do estudo, pois teria sido importante uma medida para avaliar com maior clareza o contacto físico.

Outra limitação é as condições do ambiente experimental que impede a avaliação de diferentes comportamentos de lavagem no momento da manipulação, além do ato de beber água ou lavar as mãos. Também a inexistência de medidas validadas para avaliar a contaminação mental constituíram uma limitação, por isso, a maioria dos estudos desenvolveram medidas específicas para avaliar os sentimentos de contaminação.

Por último, uma questão importante no nosso estudo que se apresenta com uma das principais limitações, é o facto da manipulação experimental depender da capacidade dos participantes recordarem a situação de traição e conseguirem relembrar as emoções experienciadas no momento da traição. Assim, a questão temporal pode ter influenciado os resultados, uma vez que não foram definidos critérios temporais para participar no estudo e algumas traições podem ter acontecido há algum tempo e por isso, ter interferido com a capacidade de recordação dos participantes. Em estudos futuros poderá ser definido um limite temporal em que tenha ocorrido a traição, à semelhança do estudo de Fairbrother e Rachman (2004), em que apenas as mulheres em que as agressões sexuais tinham sido há cerca de três meses ou menos foram incluídas no estudo.

Propõe-se que em futuras investigações na área, estas limitações sejam controladas para uma maior eficiência da tarefa experimental de indução de contaminação mental.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramowitz, J., Taylor, S., & McKay, D. (2009). Obsessive-Compulsive Disorder. *The Lancet*, 374, 491-499.
- American Psychiatry Association (2011). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR)* (4ª ed.) Climepsi Editores: Lisboa.
- Calisto, L. (2013). *Indução de Contaminação Mental em vítimas de traição numa amostra de indivíduos não-clínicos*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Faro.
- Cohen, J. (1973). Eta-Squared and Partial Eta-Squared in fixed factor ANOVA designs. *Educational and Psychological Measurement*, 33(1), 107–112.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. (2º Edition). New York: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Coughtrey, A., Shafran, R., Knibbs, D., & Rachman, S. (2012). Mental contamination in obsessive–compulsive disorder. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*, 1 (4), 244-250.
- Cogle, J., Goetz, A., Hawkins, K. & Fitch, K. (2012). Guilt and Compulsive Washing: Experimental Tests of Interrelationships. *Cognitive Therapy and Research*, 36, 358-366.
- Cromer, K. R., Schmidt, N. B., & Murphy, D. L. (2007). An investigation of traumatic life events and obsessive-compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 45(7), 1683-1691.
- Crowne, D. & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349-354.
- De Silva, P., & Marks, M. (1999). The role of traumatic experiences in the genesis of obsessive–compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 37(10), 941-951.
- Ehlers, A., Clark, D., Hackman, A., McManus, F., & Fennell, M. (2005). Cognitive therapy for post-traumatic stress disorder: development and evaluation. *Behaviour Research and Therapy*, 43, 413-431.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2009). Analyses of mental contamination: Part I, experimental manipulations of morality. *Behaviour Research and Therapy*, 47(12), 995-1003.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2012). Mental contamination: The effects of imagined physical dirt and immoral behaviour. *Behaviour Research and Therapy*, 50(6), 422-427.

- Fairbrother, N., Newth, S. J., & Rachman, S. (2005). Mental pollution: Feelings of dirtiness without physical contact. *Behaviour Research and Therapy*, 43(1), 121-130.
- Fairbrother, N., & Rachman, S. (2004). Feelings of mental pollution subsequent to sexual assault. *Behaviour Research and Therapy*, 42(2), 173-189.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2 (23), 219-227.
- Gershuny, B., Baer, L., Radomsky, A., Wilson, K., & Jenike, M. (2003). Connections among symptoms of OC D and PTSD: a case series. *Behaviour Research and Therapy*, 41, 1029–1041.
- Herba, J. K., & Rachman, S. (2007). Vulnerability to mental contamination. *Behaviour Research and Therapy*, 45(11), 2804-2812.
- Ishikawa, R., Kobori, O., Komory, H., & Shimizu, E. (2014). Comparing the roles of washing and non-washing behaviour in the reduction of mental contamination. *Journal of Obsessive-compulsive and Related Disorders*, 3, 60-64.
- Mancini, F., Gragnani, A., & D'Olimpio, F. (2001). The connection between disgust and obsessions and compulsions in a non-clinical sample. *Personality and Individual Differences*, 31, 1173-1180.
- Marôco, J. (2010) Análise Estatística com o PASW Statistics. *Pêro Pinheiro: Report Number*.
- McKay, D., Abramowitz, J., Calamari, J., Kyrios, M., Radomsky, A., Sookman, D., Taylor, S., & Wilhelm, S. (2004). A critical evaluation of obsessive-compulsive disorder subtypes: Symptoms versus mechanism. *Clinical Psychology Review*, 24(3), 283-313.
- Olatunji, B., & Sawchuk, C. (2005). Disgust: Characteristic features, social manifestations, and clinical implications. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24 (7), 932-962.
- Pennebaker, J., & Seagal, J. (1999). Forming a Story: The health benefits of narrative. *Journal of Clinical Psychology*, 55 (10), 1243-1254.
- Rachman, S. (1994). Pollution of the mind. *Behaviour, Research and Therapy*, 32, 311-314.
- Rachman, S. (1997). A cognitive theory of obsessions. *Behaviour Research and Therapy*, 35 (9), 793-802.
- Rachman, S. (1998). A cognitive theory of obsessions: Elaborations. *Behaviour Research and Therapy*, 36, 385-401.
- Rachman, S. (2004). Fear of contamination. *Behaviour Research and Therapy*, 42(11), 1227-1255.

- Rachman, S. (2006). *The fear of contamination: assessment and treatment*. Oxford University Press: Oxford.
- Rachman, S. (2010). Betrayal: A psychological analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 48(4), 304-311.
- Rachman, S., & Hodgson, R. (1980). *Obsessions and Compulsions*. Hillsdale, NJ: Prentice Hall.
- Rachman, S., Radomsky, A. S., Elliott, C. M., & Zysk, E. (2012). Mental contamination: The perpetrator effect. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 43(1), 587-593.
- Rosso, G., Albert, U., Asinari, G., Bogetto, F., & Maina, G. (2012). Stressful life events and obsessive-compulsive disorder: clinical features and symptom dimensions. *Psychiatry Research*, 197 (3), 259-264.
- Rozin, P., Haidt, J., & McCauley, C. R. (1993). *Disgust*. In M. Lewis, & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press.
- Shackelford, T. K., Buss, D. M., & Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, 16(2), 299-307.
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and Emotion*, 14(5), 643-659.
- Thordarson, D., Radomsky, A., Rachman, S., Shafran, R., Sawchuk, C. & Hakstian, A. (2004). The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI). *Behaviour Research and Therapy*, 42, 1289-1314.
- Volz, C., & Heyman, I. (2007). Case series: transformation obsession in young people with obsessive-compulsive disorder (OCD). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 46, 766-772.
- Walker, W., Skwronski, J., & Thompson, C. (2003). Life is Pleasant – and Memory helps to keep it that way. *Review of General Psychology*, 7 (2), 203-210.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1994). *The PANAS-X: Manual for the Positive and Negative Affect Schedule-Expanded Form*. New York: Springer Publishing.
- Woody, S. R., & Tolin, D.F. (2002). The relationship between disgust sensitivity and avoidant behavior: studies of clinical and nonclinical samples. *Journal of Anxiety Disorders*, 16, 543-559.
- Zola, M. F. (2007). Beyond Infidelity-Related Impasse: An Integrated, Systemic Approach to Couple Therapy. *Journal of Systemic Therapies*, 26 (2), 25-41.

ANEXOS

ANEXO A. QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIO-DEMOGRÁFICOS

Departamento de Psicologia e Ciências da Educação

Questionário de dados sócio demográficos

Idade: _____ anos

Género: Feminino

Masculino

Estado Civil:

Solteiro

Casado

Divorciado

Viúvo

Nº do agregado familiar: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Habilitações Literárias:

1º ciclo do ensino básico (até ao 4ºano)

Licenciatura

2º ciclo do ensino básico (até ao 6ºano)

Bacharelato

3º ciclo do ensino básico (até ao 9ºano)

Pós-Graduação

Ensino secundário

Mestrado

Curso tecnológico/ profissional

Doutoramento

Área de estudos (caso se aplique): _____

Profissão: _____

ANEXO A. QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Estatuto sócio-económico:

Baixo

Médio

Alto

Ideologia religiosa: _____

Em que medida se considera religioso:

Nada Religioso

Totalmente Religioso

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

ANEXO B. ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS (PANAS)

PANAS

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra e marque a resposta adequada no espaço anterior à palavra.

Indique em que medida sentiu cada uma das emoções, agora, ou seja, neste momento:

1 Nada ou muito Ligeiramente | **2** Um Pouco | **3** Moderadamente | **4** Bastante | **5**
Extremamente

___ Interessado

___ Orgulhoso

___ Perturbado

___ Irritado

___ Excitado

___ Encantado

___ Atormentado

___ Remorsos

___ Agradavelmente surpreendido

___ Inspirado

___ Culpado

___ Nervoso

___ Assustado

___ Determinado

___ Caloroso

___ Trémulo

___ Repulsa

___ Ativo

___ Entusiasmado

___ Amedrontado

**ANEXO C. INVENTÁRIO DE OBSESSÕES E COMPULSÕES DE VANCOUVER
(VOCI)**

VOCI

Por favor faça um círculo à volta do número que melhor descreve em que medida as seguintes afirmações são verdadeiras para si. Tente não demorar muito tempo em cada afirmação. Agradecemos que verifique se respondeu a todas as questões.

	Nada	Pouco	Algum	Muito	Imenso
1. Sinto-me compelido/a a verificar as cartas vezes sem conta antes de as enviar.	0	1	2	3	4
2. Sinto-me muitas vezes perturbado/a por pensamentos indesejados de usar uma arma afiada.	0	1	2	3	4
3. Sinto-me muito sujo/a depois de tocar em dinheiro.	0	1	2	3	4
4. Para mim é muito difícil tomar até as decisões mais simples.	0	1	2	3	4
5. Sinto-me compelido/a a ser absolutamente perfeito/a.	0	1	2	3	4
6. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem indesejada de um acidente.	0	1	2	3	4
7. Repetidamente verifico e volto a verificar coisas como torneiras e interruptores depois de os desligar.	0	1	2	3	4
8. Uso uma quantidade excessiva de desinfetantes para manter a minha casa e a mim próprio/a a salvo de germes.	0	1	2	3	4
9. Sinto-me frequentemente compelido/a a memorizar coisas banais (ex., número de matrículas, instruções nos rótulos).	0	1	2	3	4
10. Tenho problemas para realizar as atividades domésticas normais porque a minha casa está atafalhada com coisas que acumulo.	0	1	2	3	4
11. Depois de decidir algo, normalmente fico muito tempo preocupado/a com a minha decisão.	0	1	2	3	4
12. Considero que quase todos os dias sou perturbado/a por pensamentos desagradáveis que surgem na minha mente contra a minha vontade.	0	1	2	3	4
13. Dispenso demasiado tempo a lavar as minhas mãos.	0	1	2	3	4
14. Muitas vezes tenho dificuldade em terminar uma tarefa porque tento fazer tudo perfeito.	0	1	2	3	4

ANEXO C. INVENTÁRIO DE OBSESSÕES E COMPULSÕES DE VANCOUVER (VOCI)

15. Tocar na sola dos meus sapatos deixa-me muito ansioso/a.	0	1	2	3	4
16. Sou muitas vezes perturbado por pensamentos ou imagens indesejadas de actos sexuais.	0	1	2	3	4
17. Fico muito ansioso/a quando tenho de tomar até a mais pequena decisão.	0	1	2	3	4
18. Sinto-me compelido a seguir uma rotina muito estrita quando faço coisas do dia-a-dia.	0	1	2	3	4
19. Sinto-me perturbado se a minha mobília ou outros bens não estiverem sempre exactamente na mesma posição.	0	1	2	3	4
20. Verifico repetidamente se as minhas portas ou janelas estão trancadas, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
21. Para mim é muito difícil tocar em lixo ou caixotes do lixo.	0	1	2	3	4
22. Fico muito perturbado/a quando penso em deitar algo fora.	0	1	2	3	4
23. Preocupo-me excessivamente com germes e doenças.	0	1	2	3	4
24. Atraso-me frequentemente porque não consigo realizar as tarefas do dia-a-dia a tempo.	0	1	2	3	4
25. Evito usar telefones públicos devido a uma possível contaminação.	0	1	2	3	4
26. Fico embaraçado/a por convidar pessoas para irem a minha casa porque está cheia de coisas inúteis que tenho vindo a guardar.	0	1	2	3	4
27. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem perturbadora sobre a morte.	0	1	2	3	4
28. Sou frequentemente perturbado/a por pensamentos ou imagens indesejadas de deixar escapar obscenidades ou insultos em público.	0	1	2	3	4
29. Preocupo-me demasiado por poder estar a aborrecer outras pessoas.	0	1	2	3	4

ANEXO C. INVENTÁRIO DE OBSESSÕES E COMPULSÕES DE VANCOUVER (VOCI)

30. Sinto-me frequentemente assustado/a por impulsos indesejados de conduzir ou correr no meio do tráfego.	0	1	2	3	4
31. Quase sempre faço contagens enquanto faço uma tarefa de rotina.	0	1	2	3	4
32. Sinto-me muito contaminado/a se tocar num animal.	0	1	2	3	4
33. Um dos meus maiores problemas é a verificação repetitiva.	0	1	2	3	4
34. Experiencio frequentemente pensamentos perturbadores e indesejados sobre a perda de controlo.	0	1	2	3	4
35. Para mim é quase impossível decidir o que manter e o que deitar fora.	0	1	2	3	4
36. Sinto-me fortemente compelido/a a fazer contagens de coisas.	0	1	2	3	4
37. Verifico repetidamente se o meu fogão está desligado, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
38. Fico muito perturbado/a se não conseguir cumprir a rotina de me deitar exatamente da mesma forma todas as noites.	0	1	2	3	4
39. Tenho muito medo de ter até o mínimo contacto com secreções corporais (sangue, urina, suor, etc.).	0	1	2	3	4
40. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de magoar outras pessoas.	0	1	2	3	4
41. Dispensio muito tempo todos os dias a verificar as coisas vezes sem conta.	0	1	2	3	4
42. Causa-me problemas deitar algo fora, por medo de estar a desperdiçar.	0	1	2	3	4
43. Frequentemente tenho de verificar variadas vezes coisas como interruptores, torneiras, aparelhos e portas.	0	1	2	3	4
44. Um dos meus maiores problemas é que estou excessivamente preocupado/a com as limpezas.	0	1	2	3	4

ANEXO C. INVENTÁRIO DE OBSESSÕES E COMPULSÕES DE VANCOUVER (VOCI)

45. Sinto-me compelido a guardar durante muito tempo demasiadas coisas como revistas velhas, jornais e recibos porque tenho receio de precisar delas no futuro.	0	1	2	3	4
46. Experiencio repetidamente pensamentos perturbadores e inaceitáveis de natureza religiosa.	0	1	2	3	4
47. Tendo a atrasar-me no meu trabalho porque repito a mesma coisa vezes em conta.	0	1	2	3	4
48. Tento não tomar decisões, porque tenho muito medo de errar.	0	1	2	3	4
49. Experiencio muitas vezes pensamentos perturbadores e indesejados sobre doenças.	0	1	2	3	4
50. Receio utilizar casas de banho públicas, mesmo quando estão bem cuidadas, devido à minha preocupação com os germes.	0	1	2	3	4
51. Apesar de tentar resistir, sinto-me compelido/a a acumular uma grande quantidade de coisas que na verdade nunca utilizo.	0	1	2	3	4
52. Experiencio repetidamente pensamentos imorais perturbadores e indesejados.	0	1	2	3	4
53. Um dos meus maiores problemas é prestar demasiada atenção aos detalhes.	0	1	2	3	4
54. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de me magoar a mim mesmo/a.	0	1	2	3	4
55. Dispensio demasiado tempo a preparar-me para sair de casa todos os dias porque tenho que fazer tudo exatamente certo.	0	1	2	3	4

ANEXO D. ESCALA DE SENSIBILIDADE À CONTAMINAÇÃO (S-CTN)

S-CTN

A seguir apresenta-se uma lista de afirmações. Por favor coloque um círculo à volta do número que melhor descreva em que medida discorda ou concorda com as mesmas. Não existem respostas certas ou erradas pelo que lhe pedimos que seja o mais sincero/a e espontâneo/a possível.

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Aterroriza-me quando sinto as minhas mãos pegajosas.	0	1	2	3	4
2. Quando está algo de errado com o meu estômago, fico preocupado/a com a possibilidade de estar seriamente doente.	0	1	2	3	4
3. Fico aterrorizado/a quando me sinto sujo/a por dentro.	0	1	2	3	4
4. Consigo sempre cheirar se alguma coisa estiver a apodrecer.	0	1	2	3	4
5. É sempre importante para mim lavar-me até estar absolutamente limpo/a.	0	1	2	3	4
6. Quando não consigo livrar-me da preocupação com a contaminação, fico nervoso/a por poder estar a ficar louco/a.	0	1	2	3	4
7. Tocar em roupas que pertencem a alguém que detesto pode deixar-me nervoso/a.	0	1	2	3	4
8. Comer fruta ou vegetais que não são orgânicos faz-me sentir tenso/a e nervoso/a.	0	1	2	3	4
9. Afasto-me de pessoas que pareçam doentes.	0	1	2	3	4
10. Para mim, cheiros desagradáveis são extremamente enjoativos.	0	1	2	3	4

ANEXO D. ESCALA DE SENSIBILIDADE À CONTAMINAÇÃO (S-CTN)

11. Aterroriza-me quando me sinto sujo/a debaixo da minha pele.	0	1	2	3	4
12. É importante para mim manter-me bem longe de pessoas esquisitas ou mentalmente instáveis.	0	1	2	3	4
13. Aterroriza-me quando sinto a minha pele irritada.	0	1	2	3	4
14. Quando me sinto muito contaminado/a fico nervoso/a por poder estar a ficar mentalmente instável.	0	1	2	3	4
15. Para mim é muito mais seguro comer fruta à qual se possa tirar a pele.	0	1	2	3	4
16. Apanho doenças muito mais facilmente do que as outras pessoas.	0	1	2	3	4
17. As pessoas notam quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
18. Fico muito nervoso/a se uma pessoa esquisita ou mentalmente instável se aproxima de mim.	0	1	2	3	4
19. Vejo logo quando a comida não é completamente fresca.	0	1	2	3	4
20. Sou extremamente sensível a sabores.	0	1	2	3	4
21. Aterroriza-me quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
22. Preocupa-me apanhar alguma doença sempre que visito um hospital.	0	1	2	3	4
23. Sensações não usuais na minha pele deixam-me muito nervoso/a.	0	1	2	3	4
24. Sou extremamente sensível a cheiros.	0	1	2	3	4

**ANEXO E. ESCALA DE DESEJABILIDADE SOCIAL DE MARLOW-CROWER
(MC-SDS)**

MC-SDS

Indique em que medida cada uma das afirmações se aplica a si. Quanto mais o comportamento se aplicar a si, maior o nº que deve registar, considerando uma escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

	Discordo Totalmente					Concordo Totalmente	
1. Investigo cuidadosamente as qualificações de todos os candidatos, antes de votar.	1	2	3	4	5	6	7
2. Hesito sempre em fazer um desvio do meu caminho para ajudar alguém com problemas.	1	2	3	4	5	6	7
3. É difícil para mim, continuar com o meu trabalho quando estou desmotivado(a).	1	2	3	4	5	6	7
4. Nunca me aconteceu detestar alguém.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já duvidei das minhas capacidades para ser bem sucedido(a) na vida.	1	2	3	4	5	6	7
6. Fico irritado(a) quando as coisas não correm como eu queria.	1	2	3	4	5	6	7
7. Sou sempre cuidadoso(a) na forma como me visto.	1	2	3	4	5	6	7
8. As minhas maneiras à mesa, em casa, são tão boas quanto as que uso quando como num restaurante.	1	2	3	4	5	6	7
9. Se conseguisse ir ao cinema sem pagar e soubesse que não seria descoberto(a), fá-lo-ia.	1	2	3	4	5	6	7
10. Já desisti de fazer algo por confiar pouco nas minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu gosto de bisbilhotar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Já me aconteceu ter vontade de me revoltar perante as autoridades, mesmo sabendo que não tinha razão.	1	2	3	4	5	6	7
13. Independentemente de com quem esteja a falar, sou sempre um(a) bom(a) ouvinte.	1	2	3	4	5	6	7
13. Já fingi estar doente para evitar alguma situação.	1	2	3	4	5	6	7
15. Já houve situações em que me aproveitei de	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO E. ESCALA DE DESEJABILIDADE SOCIAL DE MARLOW-CROWER (MC-SDS)

alguém.							
16. Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo erros.	1	2	3	4	5	6	7
17. Faço sempre aquilo que defendo.	1	2	3	4	5	6	7
18. Acho particularmente difícil aturar pessoas rudes e indelicadas.	1	2	3	4	5	6	7
19. Prefiro vingar-me a perdoar e esquecer.	1	2	3	4	5	6	7
20. Tenho dificuldades em admitir que sei pouco sobre um determinado assunto.	1	2	3	4	5	6	7
21. Sou sempre cordial, mesmo para as pessoas que são desagradáveis.	1	2	3	4	5	6	7
22. Já insisti em levar por diante as minhas ideias.	1	2	3	4	5	6	7
23. Já senti vontade de partir coisas.	1	2	3	4	5	6	7
24. Deixaria alguém ser punido pelos meus erros.	1	2	3	4	5	6	7
25. Fico aborrecido(a) quando alguém me pede a retribuição de um favor.	1	2	3	4	5	6	7
26. Fico aborrecido(a) quando alguém expressa ideias completamente diferentes das minhas.	1	2	3	4	5	6	7
27. Quando faço uma longa viagem verifico sempre a segurança do meu carro.	1	2	3	4	5	6	7
28. Já senti inveja das coisas boas que acontecem aos outros.	1	2	3	4	5	6	7
29. Já senti necessidade de “pôr alguém no seu lugar” (repreender).	1	2	3	4	5	6	7
30. Sinto-me irritado(a) com as pessoas que me pedem favores.	1	2	3	4	5	6	7
31. Já senti ter sido punido(a) sem razão.	1	2	3	4	5	6	7
32. Acho que quando as pessoas têm um azar, apenas têm o que merecem.	1	2	3	4	5	6	7
33. Já disse, de propósito, algo que ferisse os sentimentos de alguém.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO F. ENTREVISTA ESTRUTURADA DO GRUPO EXPERIMENTAL

Entrevista

Coloque uma cruz no ponto da linha que melhor considere que reflete a sua opinião relativamente às seguintes questões:

- 1- Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara?

Nada
clara

Completamente
clara

- 2- Em que medida a recordação da situação que descreveu foi vívida?

Nada
Vívida

Completamente
Vívida

- 3- Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir-se mal-estar?

Nenhum
mal-estar

Mal-estar
extremo

Como descreveria esse mal-estar?

O que fez para o reduzir esse mal-estar?

- 4- Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a? _____

Se sim, porque motivo o fez? _____

5- Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo? _____
Se sim, que parte e porquê?

6- Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?

7- Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se sujo/a?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

8- Em que medida considera que a situação recordada o fez sentir-se sujo/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar sujo/a internamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

9- Em que medida a situação recordada o/a deixou com a sensação de estar sujo/a externamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

10- Consegue localizar a sujidade nalguma parte do interior ou exterior do seu corpo? _____

Se sim, em que parte? _____

11- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as que o/a traíram?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

12- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO G. ENTREVISTA ESTRUTURADA DO GRUPO DE CONTROLO

Entrevista

Coloque uma cruz no ponto da linha que melhor considere que reflete a sua opinião relativamente às seguintes questões:

- 1- Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara?

Nada
clara

Completamente
clara

- 2- Em que medida a recordação da situação que descreveu foi vívida?

Nada
vívida

Completamente
vívida

- 3- Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir mal-estar?

Nenhum
mal-estar

Mal-estar
extremo

Como descreveria esse mal-estar?

O que fez para o reduzir esse mal-estar?

4- Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a? _____

Se sim, porque motivo o fez? _____

5- Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo? _____

Se sim, que parte e porquê?

6- Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?

7- Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se sujo/a?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

8- Em que medida considera que a situação recordada o fez sentir-se sujo/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar sujo/a internamente?

Nada sujo/a

Completamente sujo/

9- Em que medida a situação recordada o/a deixou com a sensação de estar sujo/a externamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

10- Consegue localizar a sujidade nalguma parte do interior ou exterior do seu corpo? _____

Se sim, em que parte? _____

11- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as envolvidas?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

12- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO H. CONSENTIMENTO INFORMADO DO GRUPO EXPERIMENTAL

Consentimento Informado

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, por Soraia Pires, sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros.

Tem como objetivo estudar a possível relação entre o impacto da traição no desenvolvimento de características relacionadas com a Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Poderão participar neste estudo estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, de ambos os sexos, que voluntariamente se disponibilizem para o fazer.

Se aceitar colaborar ser-lhe-á pedido que responda a cinco questionários e que participe num paradigma experimental, que no total lhe tomará cerca de 45 minutos. Para a participação neste estudo experimental ser-lhe-á solicitado que relate uma situação marcante da sua vida, na qual se tenha sentido traído/a por alguém. O relato será feito por escrito e no fim de todo o procedimento o próprio participante deverá colocá-lo num envelope em branco fechado, que terá apenas um número. Posteriormente, deverá colocar o envelope dentro de uma caixa que estará à disposição do participante dentro da sala. Uma vez recolhidos os relatos de todos os participantes da experiência, a caixa será entregue a dois investigadores independentes que não terão conhecimento do objetivo da experiência, nem da identidade das pessoas que nela participaram. Será solicitado aos investigadores que atribuam o número de cada envelope a um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos serão destruídos pelos investigadores, assim que a tarefa de categorização estiver finalizada. Deste modo, garantimos que os dados recolhidos serão totalmente anónimos e confidenciais e que a sua utilização será apenas para fins científicos.

A sua participação é importante e pode contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção da Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

ANEXO H. CONSENTIMENTO INFORMADO DO GRUPO EXPERIMENTAL

Como já foi referido garantimos a total confidencialidade dos dados que nos possa proporcionar e que estes serão apenas utilizados para fins da investigação em questão.

Relembramos que a sua participação é voluntária e que caso recuse participar ou decida desistir em qualquer momento, não terá qualquer consequência negativa.

Caso aceite participar na presente investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Tomei conhecimento e compreendi a informação acima descrita e aceito, de livre vontade, participar neste estudo e preencher os questionários que se seguem.

Data: ___/___/___

(a sua assinatura)

Agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Obrigada,
Soraia Pires

ANEXO I. CONSENTIMENTO INFORMADO DO GRUPO DE CONTROLO

Consentimento Informado

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, por Soraia Pires, sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros.

Tem como objetivo estudar a possível relação entre o impacto da traição no desenvolvimento de características relacionadas com a Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Poderão participar neste estudo estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, de ambos os sexos, que voluntariamente se disponibilizem para o fazer.

Se aceitar colaborar ser-lhe-á pedido que responda a cinco questionários e que participe num paradigma experimental, que no total lhe tomará cerca de 45 minutos. Para a participação neste estudo experimental ser-lhe-á solicitado que relate uma situação relativamente neutra da sua vida, na qual não tenha tido qualquer tipo de emoção forte. O relato será feito por escrito e no fim de todo o procedimento o próprio participante deverá colocá-lo num envelope em branco fechado, que terá apenas um número. Posteriormente, deverá colocar o envelope dentro de uma caixa que estará à disposição do participante dentro da sala. Uma vez recolhidos os relatos de todos os participantes da experiência, a caixa será entregue a dois investigadores independentes que não terão conhecimento do objetivo da experiência, nem da identidade das pessoas que nela participaram. Será solicitado aos investigadores que atribuam o número de cada envelope a um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos serão destruídos pelos investigadores, assim que a tarefa de categorização estiver finalizada. Deste modo, garantimos que os dados recolhidos serão totalmente anónimos e confidenciais e que a sua utilização será apenas para fins científicos.

A sua participação é importante e pode contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção da Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Como já foi referido garantimos a total confidencialidade dos dados que nos possa proporcionar e que estes serão apenas utilizados para fins da investigação em questão.

ANEXO H. CONSENTIMENTO INFORMADO DO GRUPO DE CONTROLO

Relembramos que a sua participação é voluntária e que caso recuse participar ou decida desistir em qualquer momento, não terá qualquer consequência negativa.

Caso aceite participar na presente investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Tomei conhecimento e compreendi a informação acima descrita e aceito, de livre vontade, participar neste estudo e preencher os questionários que se seguem.

Data: ___/___/___

(a sua assinatura)

Agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Obrigada,
Soraia Pires

ANEXO J. CLASSIFICAÇÃO DOS DIFERENTES TIPOS DE NARRATIVAS

Júri ____

Nº do Participante	Tipo de traição ² predominante	Gravidade da traição (0-10)	Contacto Físico (Sim ou não)	Observações

² Tipos de traição definidos por Rachman:

Infidelidade: Situações que envolvam a ruptura e quebra de confiança entre um casal;

Desonestidade: Ação/comportamento que demonstre ausência de valores morais;

Deslealdade: Ação que implique a quebra da confiança com alguém próximo (Falta de sinceridade);

Falha na assistência: Situações nas quais é recusado o auxílio por parte de indivíduos de quem não se esperava;

Divulgação de informações confidenciais: Revelação de segredos de pessoas próximas.